

O povoamento sidérico das margens do Guadiana entre Castro Marim/Ayamonte e Ratinhos (c. séculos IX-VI a. C.): Apontamentos para uma síntese

Iron Age settlement of the Guadiana Riverbanks between Castro Marim/Ayamonte and Ratinhos (9th-6th centuries BC): Outline of a synthesis

PEDRO ALBUQUERQUE
Universidad de Sevilla
Uniarq, Centro de Estudos Globais (Universidade Aberta)
María de Padilla s/n. 41004 Sevilla
albuquerque@us.es,
pedro.albuquerque@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0003-4800-7343>

Resumo

Apresenta-se uma síntese sobre o povoamento ao longo do Baixo Guadiana entre a foz e o Castro dos Ratinhos (c. séculos IX-VI a. C.), assim como uma retrospectiva dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos nesta região. O principal objectivo é sistematizar a informação arqueológica proporcionada por escavações e prospecções com o intuito de comparar as dinâmicas de ocupação ao longo das margens do rio. Além disso, apresenta-se uma visão panorâmica do conhecimento do povoamento humano durante a I Idade do Ferro, assim como propostas para futuras investigações no antigo *Anas*, especialmente em Mértola (*Myrtilis*), cujo papel na navegação do Guadiana é de inegável relevância.

Palavras-chave: Fronteiras, Idade do Ferro, Baixo Guadiana, Fenícios, Povoamento

Abstract

This paper presents an overview of the human settlement in the Lower Guadiana Basin between the mouth of the river and Castro dos Ratinhos (c. 9th-6th centuries BC), as well as a review of the archaeological works carried out in this region. The main goal is to systematize the archaeological information from excavations and surveys to compare the territorial dynamics along the riverbanks of this river. Besides that, we provide an outline of the knowledge of human occupation of these territories during the First Iron Age, as well as some proposals for further research on the ancient *Anas*. Special attention is paid to the case of Mértola (*Myrtilis*), for its role on the navigable section of the river.

Key words: Borderlands, Iron Age, Lower Guadiana Basin, Phoenicians, Settlement

CÓMO CITAR ESTE ARTÍCULO / HOW TO CITE THIS ARTICLE

Albuquerque, P. (2022): "O povoamento sidérico das margens do Guadiana entre Castro Marim/Ayamonte e Ratinhos (c. séculos IX-VI a. C.): Apontamentos para uma síntese". *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 48(2): 107-134. <<https://doi.org/10.15366/cupauam2022.48.2.0041>>.

1. Introdução

O aumento quantitativo e qualitativo dos trabalhos arqueológicos ao longo do Guadiana e zonas adjacentes proporcionou, nas últimas décadas, um conhecimento mais rigoroso da ocupação destes territórios entre os séculos IX e II a. C., bem como o papel que estes desempenhavam nas redes comerciais da Antiguidade. Estudos recentes no Baixo Guadiana, por outro lado, assinalaram a existência de novos sítios, acrescentando questões ao debate sobre o povoamento das margens do *Anas* e a projecção dos seus principais centros no território e ao longo das vias de circulação terrestre e fluvial (Albuquerque e García Fernández, 2017; 2019; Albuquerque *et alii*, 2019) (figura 1).

Este trabalho apresenta-se como uma síntese do estado dos conhecimentos da transição entre os momentos finais do Bronze Final e os primeiros séculos da ocupação sidérica do Vale do Guadiana entre a foz e a actual barragem de Alqueva. Os esforços no sentido de sistematizar a informação, por exemplo, em monografias colectivas (Jiménez Ávila, ed., 2008; 2012; 2016; Albergaria e Melro, 2013; Celestino Pérez e Rodríguez González, eds., 2017) e individuais (Rodríguez González, 2018), em cartas arqueológicas (Lopes *et alii*, 1997; Palma (coord.), 2012; Kunst, 2018), em estudos paleogeográficos (Schubart, 1988; Wachmann, 2009; Klein *et alii*, 2016; Klein, 2018; 2019; Kunst, 2018; Marzoli e García Teyssandier, 2018; 2019) ou em monografias/sínteses de sítios arqueológicos (Berrocal-Rangel e Silva, 2010; Marzoli e García Teyssandier, 2018; 2019; Arruda e Freitas, 2008; Oliveira, 2012; Arruda, 1999-2000: 36-53; 2003; Arruda *et alii*, 2007; 2009; 2017, etc.) permitem, hoje, apresentar novos desafios para os próximos anos no sentido de promover a defesa e conservação de um património transfronteiriço centrado no «rio que aparece e desaparece», assim como ferramentas teóricas e metodológicas interdisciplinares para o estudo da Idade do Ferro deste território (Albuquerque *et alii*, 2020).

A percepção e análise do Guadiana como fronteira natural condicionou a investigação, uma vez que este espaço foi considerado periférico, tanto das regiões do Alentejo e do Algarve como da

Andaluzia Ocidental (García Fernández *et alii*, 2017; Albuquerque e García Fernández, 2019; Albuquerque *et alii*, 2020). Neste contexto, a comparação entre a margem direita e a esquerda do rio, independentemente do território nacional em que se encontra, conduz a repensar o seu papel nos processos de fixação humana. Parece, igualmente, evidente que há uma descompensação no conhecimento das duas margens, sobretudo no último troço entre Pomarão/ Cañaveral e Vila Real de Santo António/ Ayamonte. Este factor pode ser explicado pela escassez de trabalhos preventivos ou sistemáticos publicados até à data sobre os territórios interiores da margem esquerda (espanhola) nas imediações do rio (entre outros, Gómez Toscano *et alii*, 1994; 2001; Kunst, 2018) em comparação com as áreas costeiras. O panorama da margem direita é, porém, diferente, não só pelas iniciativas da arqueologia municipal (Alcoutim e Mértola: entre outros, Cardoso e Gradim, 2011: *cf.* Albuquerque *et alii*, 2020), mas também pelo facto de se terem identificado vários sítios graças aos trabalhos de Estácio da Veiga (Cardoso e Gradim, 2004; Gómez-Martínez e Lopes, 2006; Fabião, 2019), a estudos de impacte ambiental e acompanhamento arqueológico (Catarino, 1997; Gonçalves *et alii*, 1993; Freitas e Oliveira, 2007; Kunst, 2018) (figura 2).

Face a este panorama, os objectivos do presente trabalho são: sistematizar, sem pretensão de exaustividade ao nível da bibliografia, a informação arqueológica de escavações e prospecções da área compreendida entre a foz do Guadiana e a Barragem de Alqueva; comparar as realidades arqueológicas da costa com as do interior e definir o estado dos conhecimentos da ocupação humana entre a transição entre o Bronze Final/I Idade do Ferro e o século VI a. C. nesta área. Esta síntese incide sobre sítios identificados até 5 km de cada margem do rio, assinalando-se povoados, santuários e necrópoles da Idade do Ferro datados, sensivelmente, entre os séculos IX e VI a. C., seguindo uma ordem geográfica da costa para o interior. Esta escolha, embora seja restrita geograficamente, é um ponto de partida para avaliar a importância do Guadiana como elemento estruturante o povoamento e/ou como marcador de fronteira. Procuramos, nesse sentido, analisar o papel deste espaço concreto no quadro das relações

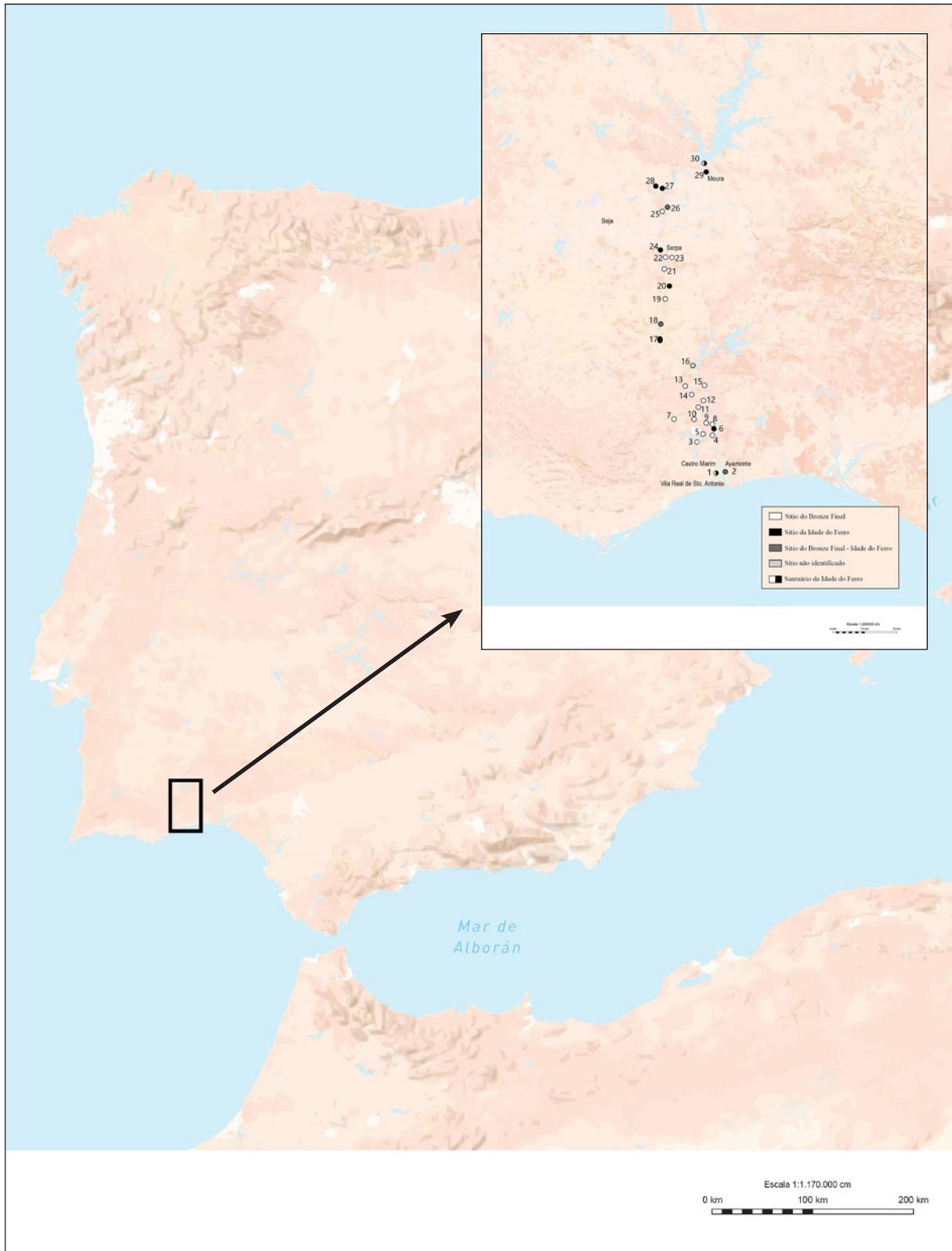


Figura 1. Localização da área estudada no contexto da Península Ibérica e sítios arqueológicos tratados no texto. Os números correspondentes aos sítios encontram-se nos mapas de pormenor e na tabela 1. Mapas elaborados por Juan Hernández Gento a partir de <<https://www.mapbox.com/>>

Figure 1. Location of the studied area in the context of the Iberian Peninsula and archaeological sites treated in the text. The numbers corresponding to the sites can be found in the detailed maps and in table 1. Maps prepared by Juan Hernández Gento from <<https://www.mapbox.com/>>

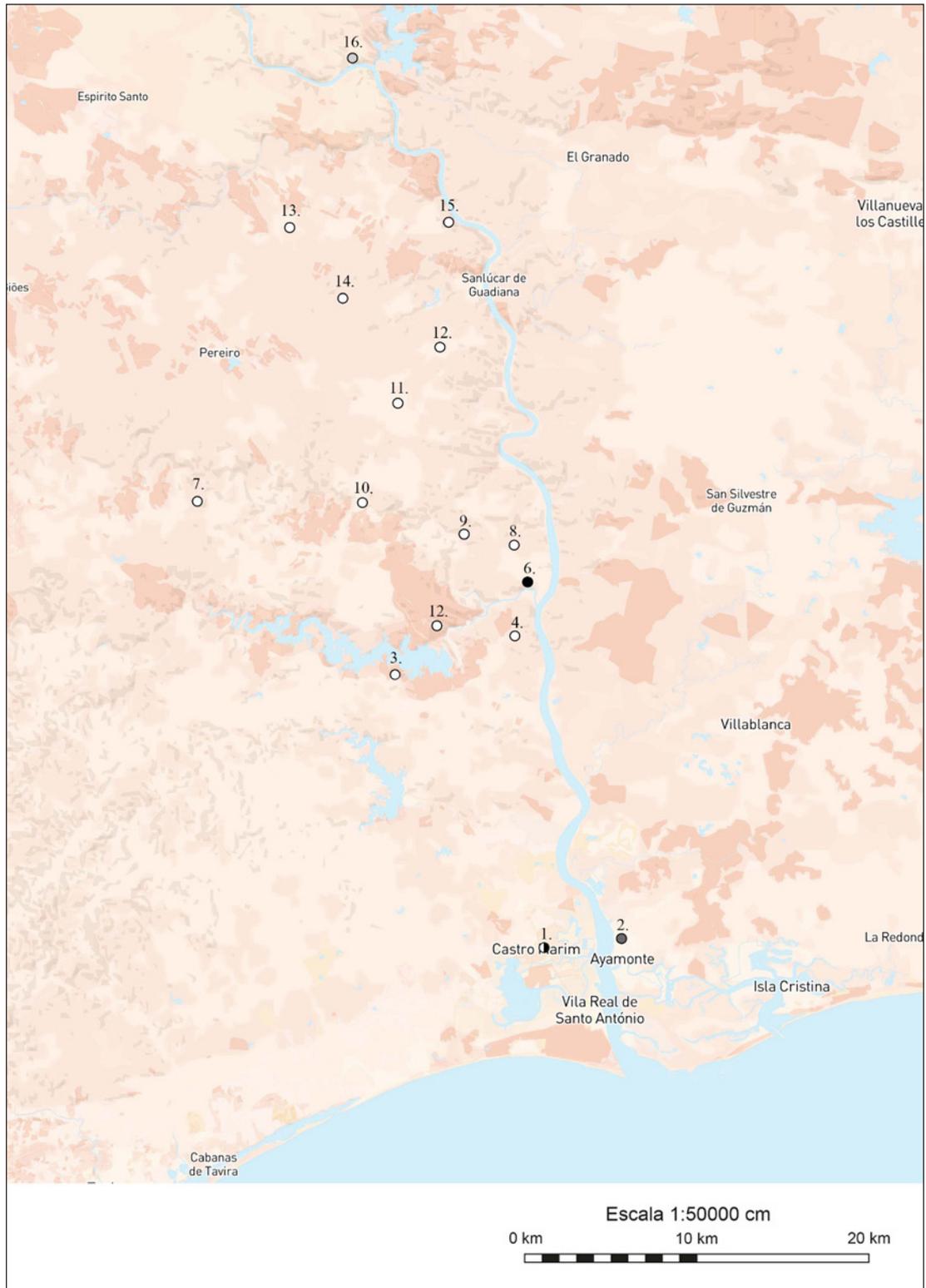


Figura 2. Castro Marim (1); Ayamonte (2); Corga das Favas (3); Lavajo (4); Cerro do Covão (5); Foz de Odeleite 2 (6); Castelo de Soudes (7); Corte das Donas (8); Fadagoso/ Cabeço das Casas (9); Cerro do Curral da Chada/Alguidar (10); Cercado de Balurcos (11); Montinho Corte da Seda (12); Cerro do Castelo de Santa Marta (13) Cerro do Cuco (14); Cerro dos Carriços (15); Castelo de Pomarão (16). Mapa elaborado por Juan Hernández Gento a partir de <www.mapbox.com>

Figure 2. Castro Marim (1); Ayamonte (2); Corga das Favas (3); Lavajo (4); Cerro do Covão (5); Foz de Odeleite 2 (6); Castelo de Soudes (7); Corte das Donas (8); Fadagoso/ Cabeço das Casas (9); Cerro do Curral da Chada/Alguidar (10); Cercado de Balurcos (11); Montinho Corte da Seda (12); Cerro do Castelo de Santa Marta (13) Cerro do Cuco (14); Cerro dos Carriços (15); Castelo de Pomarão (16). Map prepared by Juan Hernández Gento from <www.mapbox.com>

entre o Atlântico e o Mediterrâneo, sobretudo no troço navegável, assim como nas relações e contactos das comunidades sidéricas em territórios interiores que não parecem fazer parte de rotas fluviais.

2. Breve contextualização geográfica

Do ponto de vista hidrográfico, o Guadiana apresenta características muito peculiares que terão sido, seguramente, factores de aproximação ou de repulsa em relação ao seu leito consoante as circunstâncias sociais de cada momento. A navegabilidade do antigo *Anas* até Mértola (antiga *Myrtilis*) é, certamente, o factor mais destacável da ocupação das margens do rio durante a Idade do Ferro, devendo ainda considerar-se os restantes troços até Moura. Justifica-se, por isso, inverter neste capítulo a ordem do discurso para descrever o curso do Guadiana entre o Caia e a foz, recorrendo aos trabalhos pioneiros de reconhecimento arqueológico e geológico levados a cabo por A. Viana (1945) e M. Feio (1946), bem como a outros mais recentes (entre outros, Schubart *et alii*, 1988; Díaz del Olmo e Borja Barrera, 1994, na área do Guadiana; Wachmann, 2009, na área de Castro Marim; Klein *et alii*, 2016; Klein, 2018; 2019, em Ayamonte; Kunst, 2018; Costa *et alii*, 2022: 113).

Hernández Pacheco (1928) incluiu na sua genérica 5ª secção toda a parte portuguesa (incluindo a internacional), e Mariano Feio subdividiu-a em três secções: [5.1] entre as confluências do Caia e do Terges com o Guadiana, [5.2] entre o Terges e a Azenha dos Canais e [5.3] entre esta e a foz, sendo que esta última corresponde ao troço até onde se faz sentir o efeito das marés (tabela 1). Entre Mértola e a foz, além dos três principais vaus (Pedra, Vaqueira e Bombeira), destaca-se a confluência com o Chança, a partir da qual «o vale é claramente invadido pelo mar» (Feio, 1946: 10; Feio e Patrício, 1945: 62 ss). É neste contexto que o rio passa a banhar os dois países ibéricos até à sua desembocadura junto a Castro Marim e Ayamonte. Entre *Myrtilis* e *Baesuris* assinalou-se a inexistência de terraços fluviais, o que pode querer dizer que, genericamente, não parece ter havido muitas alterações ao nível das condições de fixação junto ao rio (*ibid.*, fig. 5; Feio, 1946: fig. 2).

A paisagem estuarina do Guadiana apresenta, porém, alterações mais significativas ao longo dos séculos, como foi assinalado (Arruda, 1999-2000: 36; Oliveira, 2012: 346). Os trabalhos mais recentes sobre a evolução da linha da costa e do leito do rio resultaram em importantes contribuições para o conhecimento das dinâmicas estuarinas, destacando-se sobretudo os processos de sedimentação, bem como a quantidade de estanho (identificada nas análises sedimentológicas) na época em discussão (Schubart *et alii*, 1988; Ménanteau *et alii*, 2006; Klein *et alii*, 2016; Klein, 2018; 2019). Castro Marim, por exemplo, seria uma península e, do lado de Ayamonte, as análises de fluorescência por raios-X no actual estuário de la Nao permitiram defender a existência de condições para a construção de um porto na Idade do Ferro (Klein *et alii*, 2016: 122 e fig. 2; Klein, 2018: 137 ss.; 2019: 22, com bibliografia; cf. Marzoli, 2018: 263 ss.). Os estudos desenvolvidos no âmbito da intervenção arqueológica em Ayamonte permitiram, neste contexto, caracterizar a antropização da paisagem no esteiro da Nao e a sua integração na longa diacronia das transformações ocorridas naquela paisagem. Embora não seja propósito deste trabalho estudar essa evolução, devem destacar-se os trabalhos de análise do núcleo sedimentar definido como Ayag, que permitiram identificar uma área de ancoradouro e o período em que este foi usado, provavelmente complementada com um segundo espaço portuário, uma área estuarina semiaberta, bem como um hiato entre a época fenícia e a romana precisamente pela alteração das condições de uso deste espaço (entre outros, Ménanteau *et alii*, 2006; Wachmann, 2009; Kunst, 2018; Klein *et alii*, 2016: 120-121 e fig. 7; Klein, 2018; 2019).

Em suma, na área estudada, o Guadiana deixa para trás as férteis planícies de Mérida e a desembocadura do Caia, tomando depois a direcção Norte-Sul rumo ao Atlântico. À sua passagem banha territórios ricos em xisto, mas pobres em terras de cultivo e sem muitos terraços. O rio torna-se, nesta fase do seu percurso, mais íngreme e rápido, até chegar ao Pulo do Lobo, local a partir do qual o caudal começa a reunir melhores condições para a navegação. A escassa potencialidade agrícola é, porém, compensada pela riqueza metalífera, testemunhada

quer por alguns vestígios arqueológicos de mineração, quer pela própria toponímia referente a estas actividades (Silva, 1998: 10; cf. Pérez Macías e Schattner, 2018). Foram, talvez, estes recursos que atraíram o povoamento humano nos pontos onde a navegabilidade era mais favorável, i.e., em Castro Marim/Ayamonte e Mértola, destacando-se ainda a exploração do sal e da pesca numa área rica do ponto de vista da biodiversidade (Klein *et alii*, 2016: 122; Klein, 2018: 131 ss.; Klein, 2019: 20-21).

3. Antecedentes

[...] é assim, recorrendo ao arquivo da terra, misterioso depósito das mais preciosas reliquias da humanidade, que se podem descobrir os monumentos antigos e d'elles deixar memoria; é só assim que muitos darão testemunho das epochas a que pertencem, quando se encontrem acompanhados de indícios archeologicos, que permitam e persuadam a sua classificação (Veiga, 1880: 46)

Os trabalhos de Estácio da Veiga nesta região constituíram os primeiros passos para o conhecimento e divulgação dos arqueossítios localizados entre Castro Marim e Mértola com critérios científicos (Veiga, 1880; Catarino, 1997; Barros, 1999; Cardoso e Gradim, 2004; Gómez-Martínez e Lopes, 2006; Barros, 2013; Albuquerque e García Fernández, 2017; Fabião, 2019). Ainda que a história das investigações arqueológicas no Guadiana mereça um tratamento monográfico, deve dizer-se que, para o período que nos ocupa, os dois levantamentos feitos pelo autor permitiram a identificação de vários sítios ao longo do rio, cuja interpretação foi também complementada com referências a leituras etimológicas de autores dos séculos precedentes, por exemplo, de *Myrtilis* e *Anas*, que remeteriam para uma suposta origem semita (Veiga, 1880: 47-49; Albuquerque e García Fernández, 2017: 12; Albuquerque e Herrera, 2021; Albuquerque e Mateos-Orozco, 2022). Em Mértola, um habitante local ofereceu ao erudito balseense duas urnas tipo Cruz del Negro que foram, posteriormente, entregues ao Museu Etnológico (actual Museu

Nacional de Arqueologia; Barros, 2013: 691-693). Contudo, até ao último quartel do século XX, a escassez de trabalhos sobre a Idade do Ferro é bastante evidente (entre outros, Silva, 1998: 21 ss.), circunscrevendo-se a breves referências em reflexões gerais e a notas sobre objectos específicos, como a de xorca de Mértola (Vasconcelos, 1920: 100; cf. Luís, 2001: 46).

Nos anos 40 do século XX, além dos mencionados trabalhos sobre a geologia do Guadiana, assim como os de Frago de Lima (que permitiram a identificação dos Castros de Ratinhos e Azougada), assinala-se o terceiro volume da obra do General João de Almeida, compreensivelmente sem grande repercussão na investigação posterior. Munindo-se de uma metodologia questionável, embora autóptica (Almeida, 1947: 9 ss.), Almeida verteu para o seu inventário uma série de «castros» (*sic*), alguns dos quais localizados nos concelhos de Castro Marim, Alcoutim, Mértola, Beja, Serpa e Moura¹.

Abel Viana tão-pouco acrescentou dados relevantes sobre esta região, embora refira uma possível origem «céltica» deste povoado, situando-a na Idade do Bronze a partir dos vestígios de sepulturas desta época em torno da vila (Viana, 1945: 88). O texto refere, sobretudo, as épocas romana, visigótica e árabe. Mais tarde, menciona novamente *Myrtilis* sem acrescentar qualquer vestígio atribuível à Idade do Ferro (Viana, 1959).

Destacam-se, ainda, as notas à «Idade dos Metais» publicadas por Luís Fernando Delgado Alves. O autor assinala que «se acaso tivesse conhecimento dalgum objecto importante da época do ferro, em Mértola, daria maior amplitude ao capítulo» (Alves, 1956: 45). Esta limitação não o impediu de assinalar os problemas das fontes clássicas, das moedas, da historiografia e da epigrafia relativamente à localização de *Myrtilis* (*ibid.*: 47 ss.; cf. Albuquerque e Mateos Orozco, 2022).

Outro sintoma da escassez de conhecimentos sobre a Idade do Ferro do Guadiana nas décadas

¹ O autor parte de uma observação das condições do terreno e de uma ideia preconcebida de evolução do povoamento e da defesa que o leva a definir a cronologia de uma suposta ocupação. Refere, inclusive, «certos caracteres antropológicos» da população que não chega a especificar.

de 40 a 70 é, a nosso ver, a representação desta época no projecto de criação do Museu de Serpa ou da Margem esquerda do Guadiana, da autoria de Irisalva Moita (1965), onde só se referem explicitamente os castros de Azougada e dos Ratinhos como exemplos de ocupações sidéricas a partir dos trabalhos de Fragoso de Lima (1960, com bibliografia). A *Carta arqueológica de Além Guadiana* daquela investigadora é exposta num mapa anexado ao artigo (melhor dito, num croqui) com escala aproximada de 1/250.000, onde se indicam sítios correspondentes a diferentes épocas sem muitos pormenores². Destaca-se, neste contexto, a vaga referência a castros onde se incluem, precisamente, os dois sítios mencionados (Moita, 1965; cf. Soares, 2021). Não nos foi possível aferir se ditos castros foram tratados por Fragoso de Lima na sua tese de licenciatura (1942)³, ou se Irisalva Moita se baseou também na referida obra de J. de Almeida para elaborar o mapa destas ocupações em altura. O Castelo de Pomarão (figuras 2.16 e 3.16) parece ser um desses casos.

Os trabalhos desenvolvidos ao abrigo da elaboração da *Carta Arqueológica do Algarve* pela Uniarq (Universidade de Lisboa) a partir de 1976 compen-saram, nos anos seguintes, a total ausência de publicações sobre a Idade do Ferro no território em apreço durante a primeira metade da década de 70 (Oliveira, 1985). A análise do povoamento do Baixo Guadiana foi, neste período, um ponto de viragem no panorama que temos vindo a descrever, uma vez que se destinava, essencialmente, a colmatar as lacunas de investigação (Gonçalves *et alii*, 1983-1984). É, por isso, de destacar a importância das escavações arqueológicas desenvolvidas, numa primeira fase, entre 1983 e 1988, sob a direcção de Ana Margarida Arruda (2003, com uma síntese dessas campanhas e bibliografia)⁴.

2 A saber: Paleolítico Antigo, Neo-Eneolítico, Bronze, Romano, Visigodo e Islâmico (não há referências explícitas à Idade do Ferro ou ao Calcolítico).

3 Não conseguimos, até à data, aceder a este documento.

4 É ainda de salientar o confrangedor estado a que o património de Castro Marim (especialmente o castelo) estava, então, votado, como se destaca na publicação assinada por Víctor Gonçalves e colaboradores, bem como as propostas apresentadas para resolver estes problemas e rentabilizar o castelo castro-marinense.

Destes trabalhos fizeram, igualmente, prospecções arqueológicas no Alto Algarve Oriental, que colocaram no mapa vários sítios arqueológicos da região (Gonçalves *et alii*, 1983-1984: 194).

Este vazio de informação era, igualmente, notório na área prevista para a construção da barragem de Alqueva no âmbito de um projecto transfronteiriço, motivando a preocupação de investigadores como José Morais Arnaud e Jorge Pinho Monteiro que, em 1975-1976 e 1979, respectivamente, procuraram garantir a protecção do património arqueológico que viria a ser afectado pela implementação desta empreitada. A área de inundação estudada neste período incluía, precisamente, a salvaguarda do Castro dos Ratinhos no contexto de uma Idade do Ferro ainda muito mal conhecida (Silva, 1998: 32 ss.).

Realizaram-se também trabalhos arqueológicos nos finais dos anos 80 na margem esquerda do Guadiana, concretamente na margem espanhola. Os estudos da antiga linha costeira, desenvolvidos por Hermanfrid Schubart e colaboradores assinaram, nesse sentido, a ausência de sítios no território compreendido entre Ayamonte e Sanlúcar de Guadiana (Schubart *et alii*, 1988). Destacam-se, ainda, as prospecções arqueológicas transfronteiriças desenvolvida pelo Instituto Arqueológico Alemão em 1988, das quais não resultou a identificação de novos sítios da Idade do Ferro além de Castro Marim (Kunst, 2018: 363). Pouco depois, as prospecções de urgência no âmbito da construção da Ponte Internacional do Guadiana (Martín de la Cruz e Serrano, 1989) e as do interflúvio Guadiana-Piedras (Gómez Toscano *et alii*, 1993; 1994) contrariaram, parcialmente, esta tendência, mas em nenhuma destas intervenções se identificaram ocorrências correspondentes aos séculos VIII a VI a. C.

A década de 90 foi marcada, nesta região, pela inauguração da Ponte Internacional do Guadiana e pela integração dos dois países peninsulares no espaço Schengen, dando início a um processo de estreitamento paulatino da cooperação transfronteiriça (Albuquerque e García Fernández, 2019). A Arqueologia não foi, contudo, suficientemente contemplada nos projectos de desenvolvimento regional (García Fernández *et alii*, 2017), mas outras iniciativas enriqueceram o conhecimento do povoamento

Secção ⁽¹⁾	Sítio	Tipo	Cronologia				Tipo de trabalho
			BF	IF	BF/IF	Fig./nº	
[5.1]	Castro dos Ratinhos	Povoado Santuário	X		X	5.30	Escavação
	Castro da Azougada	Povoado		X		5.29	Prospecção Escavação (2)
	Fareleira	Necrópole		X		5.28	Escavação
	Poço Novo 1	Necrópole		X		5.27	Escavação
	Laço	Povoado	X	X	?	5.26	Prospecção
	Castelos	Povoado	X			5.25	Prospecção
	Outeiro da Barca	Povoado		X		5.24	Prospecção
	São Brás 1/Cerro dos Castelos de São Brás	Povoado	X			4.23	Escavação Prospecção
	Azenha da Misericórdia	Povoado	X			4.22	Prospecção
	Crespa	Povoado	X			4.21	Prospecção
	Pulo do Lobo	Povoado		X		4.20	Prospecção
	[5.2]	Espinhaço	Povoado	X			4.19
Água Alta		Povoado	X	?	?	4.18 3.18	Prospecção
[5.3]	Mértola	Povoado	?	X	?	2.17	Escavação/ achados descontextualizados
	Mértola (2)	Necrópole		X		2.17	Escavação/ achados descontextualizados
	Castelo de Pomarão	Povoado?			?	2.16	Bibliografia (3)
	Cerro dos Carriços	Povoado	X			2.15	Prospecção
	Cerro do Cuco	Povoado	X			2.14	Prospecção
	Cerro do Castelo de Santa Marta	X	X			2.13	Prospecção
	Montinho Corte da Seda	?	X			2.12	Prospecção
	Cercado de Balurcos	Povoado	X			2.11	Levantamento
	Cerro do Curral da Chada/ Alguidar	?	X			2.10	Prospecção
	Fadagoso/ Cabeço das Casas	Povoado	X			2.9	Prospecção
	Corte das Donas	Povoado	X			2.8	Prospecção
	Castelo de Soudes	Vestígios diversos	X			2.7	Prospecção
	Foz de Odeleite 2	Vestígios de superfície		X		2.6	Prospecção
	Cerro do Covão	Atalaia	X			2.5	Prospecção
	Lavajo	?	X			2.4	Prospecção
	Corga das Favas	?	X			2.3	Prospecção
Ayamonte	Povoado	?	X		2.2	Escavação	
Castro Marim	Povoado	?	X	X	2.1	Escavação	

(1) Segundo Feio 1946; (2) Escavações arqueológicas dirigidas por R. Monge Soares (inéditas); (3) Almeida 1947; Moita 1965

Tabela 1.

Table 1.

do Guadiana e resultaram em importantes publicações de síntese (Catarino, 1997; Lopes *et alii*, 1997; Cardoso e Gradim, 2011). Acrescenta-se, ainda, a realização de grandes projectos nesta área, nomeadamente a criação do Parque Natural do Guadiana e os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no âmbito da Barragem do Alqueva⁵.

Boa parte da bibliografia mais recente será referida nos próximos capítulos, o que nos dispensa de uma exposição exaustiva. Não obstante, devem salientar-se algumas contribuições que, na nossa óptica, são fundamentais para o tema que nos propomos tratar. A primeira delas é a série de 3 volumes de *Sidereum Ana* (Jiménez Ávila, ed., 2008; 2012; 2017), onde se publicaram os resultados de diversas intervenções desde o início do século XXI. A segunda é a *Carta Arqueológica do Concelho de Mértola* (Palma, coord., 2012), que sistematizou a informação do concelho obtida até c. 2006. A terceira é a recente publicação da necrópole fenícia de Ayamonte, que complementa uma série de publicações anteriores (Marzoli e García Teyssandier, eds., 2018 e 2019; cf. Pérez Macías *et alii*, 2017; Cabaco Encinas e García Teyssandier, 2018a; 2018b, etc.). Estas monografias, a par de outras contribuições que teremos oportunidade de mencionar, constituíram um ponto de partida para projectos de arqueologia desenvolvidos no Baixo Guadiana, como o Projecto ANA-lise/ANAlisis (2015-2022), no âmbito do qual se realizaram prospecções nos termos municipais de Mértola e de Alcoutim (Albuquerque e García Fernández, 2019; Albuquerque *et alii*, 2019; cf. Freitas e Oliveira, 2007).

4. O povoamento do Guadiana entre a transição Bronze-Ferro e o século VI a. C.

O panorama apresentado explica as eventuais lacunas e as dificuldades que uma investigação centrada,

⁵ Veja-se a lista exposta no «Portal do Arqueólogo» relativa aos trabalhos de levantamento arqueológico no âmbito da construção do Parque Natural do Guadiana: <<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=projetos&subsid=2411572>>.

exclusivamente, nas margens do Guadiana, enfrenta. Tal não constitui, porém, um obstáculo para expor alguns comentários, ainda que breves, ao estado actual dos nossos conhecimentos sobre os primeiros séculos da Idade do Ferro entre a área do Alqueva.

4.1. A transição Bronze-Ferro

A transição entre o final da Idade do Bronze e o início da Idade do Ferro nas margens do Guadiana está documentada em escavações arqueológicas unicamente nos sítios que delimitam a área de estudo, i.e., Castro Marim, Ayamonte e Castro dos Ratinhos (tabela 1 e figura 1; cf. Arruda, 2008a: 357 ss.). Estes apresentam problemas de interpretação que, embora sejam de diferente natureza, não devem ser ignorados. O registo do primeiro, identificado com a *Baesuris* dos itinerários romanos (figura 2.1; *It. Ant.* 425.6; 431.4; *Ravenn.* 306.9; TIR J-29: s.v. *Baesvris*; Hübner, 1871: 5; Arruda, 1999-2000: 36 ss.), não é suficientemente expressivo para avaliar o processo de ocupação da primeira fase (Oliveira, 2012). Os trabalhos realizados em Ayamonte não proporcionaram, por outro lado, dados claros de estruturas do Bronze Final, ainda que se admita que o sítio estivesse já abandonado à chegada de grupos exógenos no século VIII a. C. (figura 2.2) e que tivesse alguma relação com a ocupação de Castro Marim na margem oposta pouco antes do seu definitivo abandono no século VI a. C. (Pérez Macías *et alii*, 2017; Marzoli *et alii*, 2019: 12). O terceiro, por seu turno, apresenta uma cronologia anterior à das ocupações da foz do Guadiana (Berrocal-Rangel e Silva, 2010: 51 ss.; Soares e Martins, 2010), o que estimularia uma salutar discussão sobre os mecanismos de penetração a partir da Andaluzia Ocidental por via terrestre, possivelmente a partir de Huelva (*vid. infra*), assim como sobre a violência implícita ou explícita nestes processos de expansão e da transição entre o Bronze Final e a Idade do Ferro (Prados Martínez, 2010; Berrocal *et alii*, 2012; *vid. discussão em Gomes, 2012: 49-59; Albuquerque, 2014: 188-191; 2021; cf. infra*).

O conhecimento dos restantes sítios atribuíveis ao Bronze Final, sobretudo a jusante do Pulo do Lobo, é bastante escasso, uma vez que não se escavaram contextos primários e a transição para a Idade

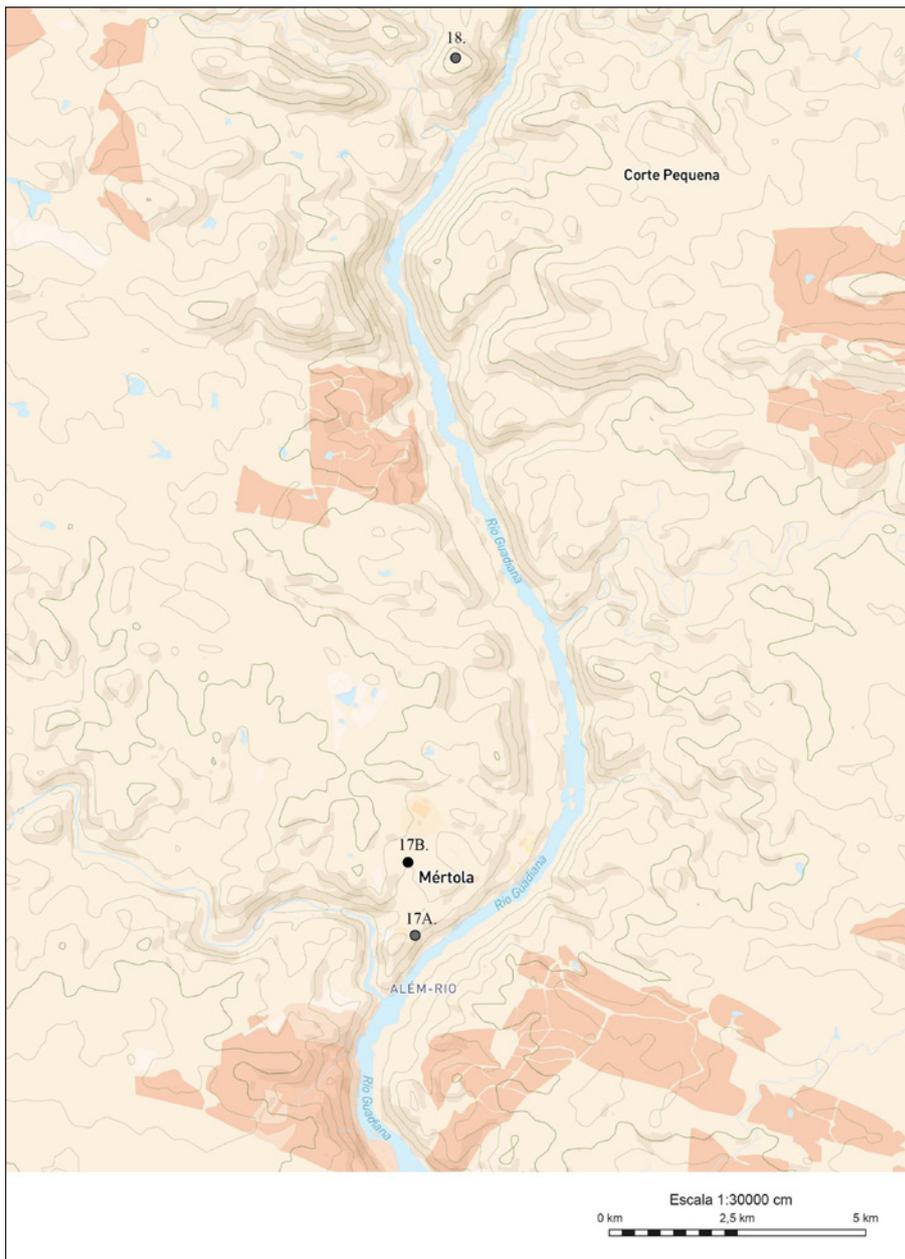


Figura 3. Mértola (17A), Necrópole do Largo do Terreiro da Feira, Mértola (17b) e Água Alta (18). Mapa elaborado por Juan Hernández Gento a partir de <www.mapbox.com>

Figure 3. Mértola (17A), Largo do Terreiro da Feira Necropolis, Mértola (17b) and Água Alta (18). Map prepared by Juan Hernández Gento from <www.mapbox.com>

do Ferro não foi identificada nos sítios prospectados, por exemplo, na mancha de ocupação nas imediações de Odeleite (figura 2) (Barros, 2012; Oliveira, 2012: fig. 10). A montante, porém, a realidade arqueológica identificada no contexto das intervenções resultantes da construção dos blocos de rega do Alqueva (Antunes *et alii*, 2012, entre outros) ainda não forneceu testemunhos claros nem na área nem da fase que nos propomos discutir neste capítulo, deixando

por responder algumas perguntas, nomeadamente a cronologia, a duração do uso dos sítios e o seu papel nas novas circunstâncias históricas, assim como a profundidade das mudanças que se lhes associam.

Castro Marim desempenha, neste contexto, um papel determinante no contexto da navegação do rio e no controlo do estuário (figuras 2.1 e 3), muito provavelmente após o abandono de Ayamonte e uma aparente reconfiguração dos modelos de ocupação

da área estuariana (Pérez Macías *et alii*, 2017). O espólio recolhido, cuja cronologia ronda, para os responsáveis pela intervenção, os séculos IX-VIII a. C. através da tipologia dos materiais e dos paralelos com sítios da Andaluzia Ocidental é, além de parcial, modesto, uma vez que consiste em cerâmicas brunidas de fabrico manual fundamentalmente destinadas ao consumo e preparação de alimentos (panelas, potes, tigelas e taças), identificadas praticamente sobre o substrato geológico. Contudo, Carlos Oliveira admite que, para a definição da cronologia, «[...] esta hipótese carece de argumentos sólidos, uma situação que só se poderá alterar com [a] realização de datações radiométricas» (Oliveira, 2012: 353). Os vestígios arquitectónicos mais antigos correspondem, no estado actual dos conhecimentos, à Idade do Ferro (Arruda *et alii*, 2007), o que não permite, por um lado, avaliar a transição entre estas duas épocas e, por outro, caracterizar com rigor os modelos e ritmos das redes de povoamento na área estuarina antes da chegada de novos elementos materiais (cerâmica a torno, arquitectura ortogonal, etc.), pessoas, ideias e influências (Oliveira, 2012: 359).

Os sítios identificados a montante de Castro Marim não proporcionam respostas às dúvidas colocadas: o facto de só se conhecerem através de prospecções de superfície (Catarino, 1997; Gonçalves *et alii*, 1996-2000; Freitas e Oliveira, 2007; Albuquerque e García Fernández, 2019; Albuquerque *et alii*, 2020) é um forte *handicap* para o estudo do impacto da chegada dos primeiros grupos orientais às costas atlânticas⁶. Não obstante, sítios como o povoado amuralhado do Cerro dos Carriços (Alcoutim) ou a mancha de ocupação identificada ao longo do último troço da ribeira de Foupana antes de desaguar no Guadiana (Foz de Odeleite, Lavajo, Cerro do Covão, Fadagoso/Cabeço das Casas), cuja cronologia exacta aguarda uma confirmação mais contundente, poderiam indicar a existência de redes de povoamento destinadas, sobretudo, à exploração agrícola ou,

possivelmente, à metalurgia, embora sejam poucos os vestígios associados a esta actividade, como bem assinala Carlos Oliveira (Oliveira, 2012) (figura 2).

Estas redes, atendendo aos dados recolhidos até ao momento, parecem colapsar ou reorganizar-se com o advento do que comumente se definiu como «Orientalizante». Porém, nem os materiais de Castro Marim nem os de Mértola, que veremos mais adiante, permitem saber se houve um hiato de ocupação entre o final do Bronze e o início da Idade do Ferro, ou se, pelo contrário, este processo foi ininterrupto (*cf.* Marzoli *et alii*, 2019: 12, com um resumo desta questão no caso de Ayamonte). Os dados disponíveis não permitem ir mais além da constatação da existência de cerâmicas manuais, pelo menos na antiga *Baesuris*, impedindo uma leitura mais rigorosa do que teria sido a transição entre estes dois períodos nos principais núcleos de habitat do troço navegável do Guadiana. Contudo, como bem aponta Carlos Oliveira, estes dois núcleos são os únicos que, aparentemente, têm continuidade de ocupação na I Idade do Ferro (Oliveira, 2021: 360), embora se tenham identificado sítios com cerâmicas a torno, possivelmente dessa época, nas prospeções levadas a cabo por Helena Catarino (1997: 164; 173 ss., Estampa CXXXIX).

O sítio de Água Alta, também conhecido como Cerro da Galé, terá sido intensamente ocupado durante o Bronze Final, perdendo, provavelmente, importância na Idade do Ferro. Alguns materiais de superfície (por exemplo, escórias de ferro e mós) indicam que neste sítio se realizavam tarefas produtivas na Idade do Ferro e na época Romana Republicana e que se implantou num lugar elevado sobranceiro ao Guadiana e associado a um possível ancoradouro junto à rocha da Galé (figuras 4 e 5). Em prospecções recentes, efectuadas em agosto de 2022, identificaram-se várias linhas de muralha semelhantes às do Castro dos Ratinhos. A sua localização, a *c.* 5 km a montante de Mértola, pode responder, durante a Idade do Ferro ou mesmo depois, a uma necessidade de garantir a segurança dos bens que acabavam por partir daquele porto para outras paragens através de uma ocupação secundária que, além disso, vigiaria um considerável troço do Guadiana (figura 3) (García Fernández *et alii*, 2017; Albuquerque

⁶ À margem destes comentários, há ainda a considerar as várias ameaças a que estes sítios estiveram sujeitos desde a sua identificação há mais de duas décadas, nomeadamente trabalhos agrícolas.



Figura 4. Água Alta (vista geral a partir de Norte)

Figure 4. Água Alta (general view from the North)

et alii, 2019). Por outro lado, tanto as dimensões do sítio (c. 9 ha) como a quantidade de materiais atribuíveis ao Bronze Final identificados à superfície, autorizariam a pensar que pode ter sido abandonado no final desse período ou a partir do momento em que Mértola começa a ganhar maior protagonismo nas rotas do Mediterrâneo. Futuras escavações poderão, nesse sentido, responder a algumas questões que se colocam neste momento⁷.

Os sítios arqueológicos localizados a montante do Pulo do Lobo fazem parte, como se disse, de uma área em que a navegabilidade seria, no estado actual dos nossos conhecimentos, impossível. Parece, no entanto, evidente que o rio foi um factor de atracção para comunidades que ocuparam cabeços sobranceiros ao Guadiana, como assinalou António Monge Soares (Soares, 2013). Assim, seguindo o critério de

selecção, destacam-se os sítios de Espinhaço, Crespa, Misericórdia, Laço e Ratinhos (figuras 6 e 7).

Espinhaço implantou-se num esporão sobranceiro à desembocadura de uma linha de água no Guadiana, com condições naturais de defesa. Segundo os autores da carta arqueológica do Concelho de Serpa, é provável que este sítio inédito se situe, cronologicamente, entre o Bronze Final e a I Idade do Ferro (Lopes *et alii*, 1997: 98).

No segundo sítio, localizado na margem esquerda do Guadiana, identificou-se um povoado fortificado de c. 4 ha construído num cerro sobranceiro ao rio, assim como um interessante conjunto de cerâmica de ornatos brunidos que o situam, cronologicamente, no Bronze Final. A falta de materiais da Idade do Ferro dá a entender que o sítio estaria já desocupado neste período, mas deve considerar-se que não se realizaram escavações arqueológicas (Soares, 2005: 122-123; 2013: 284). Mais a montante, igualmente na margem esquerda, o sítio de Misericórdia implantou-se em dois cerros xistosos. Tal como o anterior, era amuralhado e identificaram-se, junto a um dos muros, vestígios de fornalhas

⁷ No momento em que se procede à revisão deste artigo, os dados obtidos por LIDAR neste sítio e nas imediações de Mértola (no âmbito do projecto *Odyssey*, coordenado pela ERA-Arqueologia) encontram-se em fase de tratamento e interpretação.



Figura 5. O rio Guadiana visto a partir de Água Alta (de Norte para Sul)

Figure 5. The Guadiana River seen from Água Alta (from North to South)

que indicam a prática da metalurgia naquele lugar. A cronologia arqueomagnética obtida, 842-652 a. C., coloca-o na transição entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, embora se registem apenas materiais daquela época e outros posteriores, da II Idade do Ferro (Soares, 2013: 283).

Por seu turno, Laço foi, igualmente, implantado na margem esquerda do Guadiana com uma potente linha de muralha que cobre todos os lados do povoado, à excepção da parte virada para o rio. As publicações que mencionam o sítio não referem mais do que cerâmica do Bronze Final e I Idade do Ferro (Lopes *et alii*, 1997: 26; Soares, 2013: 283)⁸.

Por último, o imponente perímetro amuralhado de três plataformas do Castro dos Ratinhos, construído numa colina de 230 m de altitude, dominava o Guadiana e destacava-se, seguramente, na paisagem, do mesmo modo que o santuário com claros paralelos em modelos próximo-orientais que foi

implantado na área da acrópole (fig. 5.30; Berrocal-Rangel *et alii*, 2012: 176 ss.). Trata-se, como se sabe, de um caso singular, tanto pela alta cronologia proposta para a construção e abandono deste santuário a partir de datações radiocarbónicas, como pelo facto de ter sido intervencionado de modo sistemático (2004-2007). A arquitectura do edifício, assim como uma possível *asbera*, fragmentos numericamente pouco expressivos de cerâmica a torno e um interessante conjunto de sete botões de ouro, constituem o espólio associado à Idade do Ferro, enquanto o restante inventário, quer de artefactos, quer de elementos arquitectónicos, revela o domínio absoluto de materiais de tradição local (Berrocal-Rangel e Silva, 2010; Prados Martínez, 2010; Berrocal-Rangel *et alii*, 2012). Parece-nos, igualmente, relevante o uso de técnicas de construção e unidades de medida de origem oriental, quer no edifício de planta ortogonal interpretado como um santuário de *Asbera*, quer nas estruturas circulares que lhes estão associadas, uma vez que requer a transmissão de um *know-how* especializado que era, claramente, novidade no sítio e naquela área (Prados Martínez, 2010; Berrocal-Rangel *et alii*, 2012).

⁸ <<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=56271> (5/10/2021)>.

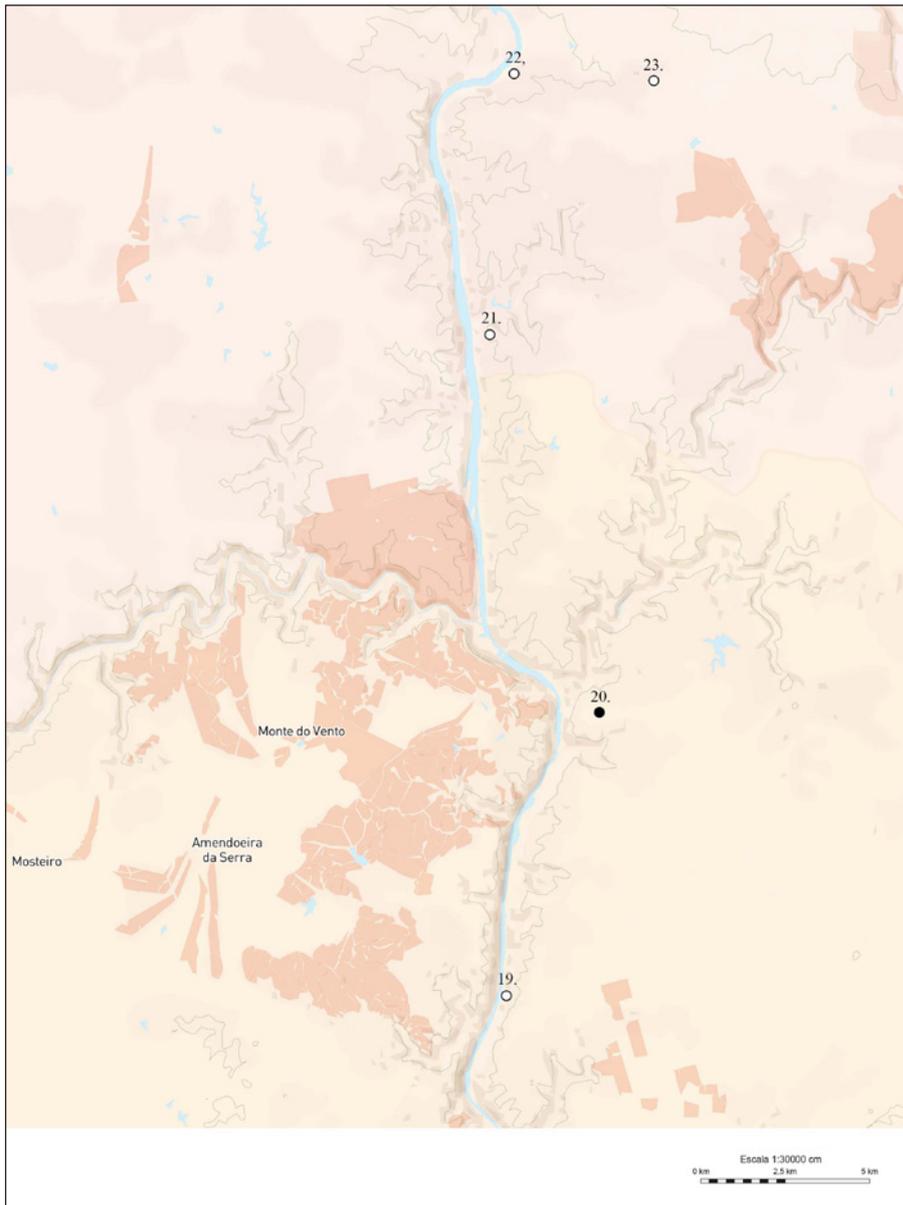


Figura 6. Espinheiro (19); Pulo do Lobo (20); Crespa (21); Azenha da Misericórdia (22); São Brás 1/ Cerro dos Castelos de São Brás (24). Mapa elaborado por Juan Hernández Gento a partir de <www.mapbox.com>

Figure 6. Espinheiro (19); Pulo do Lobo (20); Crespa (21); Azenha da Misericórdia (22); São Brás 1/ Cerro dos Castelos de São Brás (24). Map prepared by Juan Hernández Gento from <www.mapbox.com>

O Castro dos Ratinhos apresenta alguns desafios à investigação, nomeadamente a análise do papel do edifício na relação entre grupos exógenos e população residente no que diz respeito à imposição de um marcador territorial na acrópole, no contexto de uma transição aparentemente menos pacífica (Albuquerque, 2014: 188-191; 2021), bem como à fraca expressão de materiais sidéricos associados a este edifício (Berrocal-Rangel *et alii*, 2012: 180). A

cronologia da sua construção e destruição do santuário (830-760 a. C.), assim como do abandono (730 a. C.) do sítio, parece indicar a existência de um processo de penetração que se inicia nas vias terrestres antes mesmo de incidir sobre as áreas costeiras e secção navegável do Guadiana.

Huelva afigura-se, neste contexto, como uma provável origem destas influências, da qual partiriam rotas interiores (muito provavelmente anteriores à chegada



Figura 7. Outeiro da Barca (24); Castelos (25); Laço (26); Poço Novo 1 (27); Fareleira (28); Castro da Azougada (29); Castro dos Ratinhos (30). Mapa elaborado por Juan Hernández Gento a partir de www.mapbox.com

Figura 7. Outeiro da Barca (24); Castelos (25); Laço (26); Poço Novo 1 (27); Fareleira (28); Castro da Azougada (29); Castro dos Ratinhos (30). Map prepared by Juan Hernández Gento from www.mapbox.com

dos Fenícios à costa onubense) que chegavam à área dos Ratinhos. Excluindo a via fluvial, esta hipótese não é incompatível com a cronologia radiocarbónica dos santuários da antiga *Onoba* e Rebanadilla, que apontam para meados do século x a. C. (Sánchez-Moreno *et alii*, 2020; Mederos, 2021).

Não obstante, analisando estes dados no seu conjunto, é difícil afirmar que dispomos, actualmente, de elementos suficientes para caracterizar

a transição entre as duas épocas e a reacção de cada uma destas ocupações ao mesmo processo (Soares, 2013: 298-299). A rede de povoamento conhecida parece, contudo, colapsar, uma vez que nenhum dos sítios analisados a montante do Pulo do Lobo parece ter tido continuidade consolidada na I Idade do Ferro. A falta de escavações arqueológicas e, consequentemente, de dados que permitam definir com rigor a cronologia e a duração de usos dos sítios

(Antunes *et alii*, 2014) obriga a ter algumas reservas relativamente a estas afirmações, mas até ao momento parece evidente que, a partir de finais do século VI a. C., esta área ganha, novamente, vitalidade. Assim, ainda que os dados sejam inconclusivos no relativo à transição, A.S. Antunes e colaboradores defendem a existência, na área de Serpa e Moura, de uma rede composta por outros «povoados de altura, aparentemente não fortificados» que controlavam o interflúvio Chança-Ardila, pequenos povoados fortificados «implantados em áreas com boa capacidade agrícola» e sítios «localizados zonas planas, sem condições naturais de defesa, junto de linhas de água e fontes permanentes de água» (*ibid.*: 299).

Em suma, o conhecimento da antecâmara da Idade do Ferro ao longo das margens do Guadiana é, ainda, bastante escasso e não permite caracterizar como seria desejável uma suposta integração das comunidades locais numa *koiné* mediterrânea. Questiona-se, consequentemente, se o aparente abandono de sítios interiores se deveu a um êxodo para áreas costeiras ou próximas dos troços navegáveis do *Anas* e outras regiões, à fundação de novas ocupações ou à integração em fundações dos grupos exógenos, à imposição de um cenário violento ou, simplesmente, à obsolescência dos modelos de povoamento preexistentes. Parece, pois, evidente que o Baixo Guadiana constituiu um foco de atracção de grande importância para as comunidades sidéricas que se instalaram na sua desembocadura, sobretudo pela riqueza metalífera que dinamizou toda esta região nos séculos seguintes, como veremos. O povoamento parece ser mais disperso na área navegável do que a montante do Pulo do Lobo, mas, como se pôde observar, a falta de escavações arqueológicas não permite definir a evolução das redes de contacto e modelos de ocupação.

4.2. Séculos VIII-VI a. C.

Estas comunidades escolheram, tendencialmente, lugares privilegiados no contexto da circulação marítima e fluvial, o que explica a atracção pela área estuarina do Guadiana desde, pelo menos, o século VIII a. C., momento em que se regista a primeira fase de ocupação fenícia de Ayamonte (entre outros Marzoli *et alii*, 2019; Marzoli, 2019: 264-268),

seguida, no século seguinte, por Castro Marim (figura 2), após a provável perda de condições para o uso do ancoradouro do esteiro de la Nao (Klein *et alii*, 2016; Klein, 2018, 56 ss.; 2019). A montante, os dados recolhidos até ao momento em Mértola apontam, genericamente, para o final da etapa que nos propomos tratar, ainda que não seja de excluir que estivesse ocupada com anterioridade (Albuquerque e García Fernández, 2017).

Estudos paleogeográficos permitiram afirmar que Ayamonte era uma importante e extensa cidade portuária que se implantou sobre duas colinas separadas entre si por uma linha de água e respectivo estuário que desembocava no Guadiana (Klein, 2018: 56 ss.; 2019: fig. 17 e 22b). Esta linha separava o núcleo habitacional de uma necrópole de incineração cuja cronologia coincide com os primeiros momentos de ocupação (séculos VIII-VII a. C.) e que parece reproduzir rituais identificados, por exemplo, na necrópole tiria de al-Bass (Marzoli *et alii*, 2019; Marzoli, 2019). Sobressaem, igualmente, as urnas tipo Cruz del Negro (Marzoli, 2019: 269 ss.), cujas semelhanças com os exemplares de Mértola e de outros sítios da esfera mediterrânea são, como veremos, evidentes. O registo material da cidade fronteiriça apresenta não só uma relação com a área de Vélez-Málaga, da qual são provenientes bastantes recipientes funerários, mas também com Cartago e a Sardenha através, possivelmente, de *Onoba* (Marzoli, 2019: 280 ss.; sobre essas semelhanças: Bartoloni, 2019)

Na margem oposta do *Anas*, a ocupação de Castro Marim (figura 8) parece ter-se intensificado a partir, precisamente, do século VII a. C., o que poderia indicar uma deslocação de população de uma margem para a outra, com motivos que não foram, ainda, esclarecidos. É provável que a realização do projecto transfronteiriço entre a Uniarq (Universidade de Lisboa) e o DAI de Madrid venha a esclarecer as questões que se colocam à relação entre os dois sítios, especialmente no que diz respeito à suposta fundação autóctone que foi várias vezes defendida para Castro Marim. As fases II, III e IV do sítio (finais do século VIII-finais do VI a. C.) são de extremo interesse, uma vez que, de acordo com as publicações sobre o sítio, a evolução das cerâmicas manuais da



Figura 8. Castelo de Castro Marim (vista a partir de Sul)

Figure 8. Castro Marim Castle (view from the south)

fase II, nomeadamente ao nível do «aligeiramento dos perfis», apresentam paralelos com outros contextos datados dos séculos VIII e VII a. C. por Diego Ruiz Mata (1995: 272 ss., *apud* Oliveira, 2012: 356; *cf.* Arruda *et alii*, 2017) e, conseqüentemente, seriam contemporâneos da ocupação fenícia de Ayamonte, onde, como vimos, tais vestígios são praticamente inexistentes.

A intensificação da ocupação na centúria seguinte é caracterizada pela implantação de um urbanismo cuidado durante a fase III, com casas de planta ortogonal e a construção de um edifício de culto durante a fase IV (Arruda *et alii*, 2007; 2009; 2017; Arruda e Freitas, 2008: 430-432; Gomes, 2012: 24 ss.). A esta mudança associam-se materiais que revelam, tal como em Mértola, uma importante diversidade de importações de cerâmicas de uso quotidiano (comum, cinzenta e de engobe vermelho) de ânforas T-10.1.1.1, T-10.1.2.1 e T-10.2.2.1 do «grupo ocidental indeterminado» (Ramon Torres, 1995; *cf.*

Arruda, 2005), de cerâmica pintada (*pitthoi* e urnas tipo Cruz del Negro) (Arruda e Freitas, 2008: 435; Gomes e Arruda, 2013; Gomes, 2018: 186) e de cerâmica coríntia, que se juntam aos metais (fíbula tipo Acebuchal, anzóis, etc.), ovos de avestruz e cerâmicas domésticas de fabrico manual (Arruda e Freitas, 2008: 439; Oliveira, 2008). Apesar da continuidade do santuário ao longo do século seguinte, assiste-se a uma fase de retracção que se associou aos efeitos da chamada Crise do século VI a. C.

Destaca-se, neste contexto, a proposta de José Luis Escacena sobre a implantação, na foz do Guadiana, de um modelo de povoamento (de origem oriental) caracterizado pela construção de núcleos habitacionais na margem oriental das linhas de água, e de edifícios de culto na margem ocidental. Tal seria a situação de *Spal*-El Carambolo e *Onoba*-Aljaraque, dois exemplos, respectivamente, do Guadalquivir e da desembocadura dos rios Tinto e Odiel (Escacena Carrasco, 2018: 144 ss.). Apesar de sugestiva, esta

hipótese só pode ser confirmada com estudos que comparem a realidade material das comunidades que ocuparam a foz do *Anas* e que determinem com rigor a relação de interdependência entre os dois sítios.

As prospecções arqueológicas realizadas a montante, especialmente as mais recentes, não alteraram significativamente o panorama dos conhecimentos sobre esta fase (Gonçalves *et alii*, 1996-2000; Freitas e Oliveira, 2007; Albuquerque e García Fernández, 2019; Albuquerque *et alii*, 2020), especialmente em comparação com os da etapa seguinte, que será objecto de reflexão futura. Neste sentido, os dados apontam para a existência de outro centro de grande importância estratégica: Mértola, a antiga *Myrtilis* (figuras 3 e 9).

Myrtilis ocupa um esporão junto à desembocadura da Ribeira de Oeiras, com excelentes condições naturais de defesa que foram complementadas, possivelmente no século v a. C., com uma potente muralha que rodeava a cidade e os cabeços vizinhos (Hourcade *et alii*, 2003; Barros, 2008: 403). O seu inegável papel no contexto da navegabilidade do Guadiana (*cf. supra*) e, muito provavelmente, nas vias terrestres que comunicavam com as áreas de Beja, Castro Verde e Andaluzia, fizeram deste centro um dos locais mais importantes para compreender os contactos entre o interior alentejano e o Mediterrâneo, ainda que possa considerar-se que a área estuarina não foi, como se assinalou, responsável pela chegada de elementos orientais a sítios como a Azougada, a montante do Pulo do Lobo (Arruda, 2008b: 321; Albuquerque e García Fernández, 2017).

O conhecimento da ocupação sidérica de Mértola é, ainda, bastante escasso se comparamos os resultados até agora obtidos com os de Castro Marim ou Ayamonte, uma vez que a maior parte dos materiais provém de contextos secundários (Barros, 2008; 2010; 2012; 2013; Albuquerque e García Fernández, 2017). As fases mais antigas de ocupação apontam, sensivelmente, para os séculos VII-VI a. C., a julgar pela identificação de fragmentos de ânforas T-10.1.2.1 e de cerâmicas de engobe vermelho nas escavações do Cerro do Benfica, relacionadas pelos arqueólogos com a muralha sidérica (Hourcade *et alii*, 2003: 197 ss., fig. 4), ânforas T-10.1.1.1 com paralelos com Castro Marim, assim como cerâmicas manuais de tradição do Bronze Final,

que evidenciam uma estreita relação com a Andaluzia Ocidental (Barros, 2008: 403 ss.; 2012; Albuquerque e García Fernández, 2017: 20).

Do conjunto de materiais descontextualizados destacam-se duas urnas tipo Cruz del Negro que foram entregues a Estácio da Veiga (Barros, 2008: 407 e fig. 6; 2013) e que podem ser relacionadas com os exemplares de Ayamonte e Castro Marim (Arruda e Freitas, 2008: fig. 10; Gomes, 2018: 188-189; Marzoli, 2019: 27). Estes recipientes levaram, não sem razão, a colocar a hipótese de que existiria uma necrópole nas proximidades do Cerro do Benfica, cuja cronologia oscilaria entre os séculos VII e VI a. C. Isto não seria incompatível nem com os materiais supracitados nem com a estela epigrafada identificada nas imediações da basílica paleocristã de Mértola e estudada há umas décadas por António Marques de Faria (1994; *cf.* Guerra, 2017). A cronologia destas estelas tem vindo, contudo, a ser alvo de debate. A intervenção arqueológica levada a cabo no Largo do Terreiro da Feira (Miguel *et alii*, 2019) pode vir a responder a algumas questões, apesar do elevado grau de destruição a que este espaço esteve sujeito nos últimos anos. Aguarda-se a publicação da arquitectura e dos materiais identificados nas sondagens arqueológicas.

A identificação e escavação de outros contextos primários nesta vila alentejana (Lopes *et alii*, 2010; Palma, 2016; García Fernández *et alii*, 2019), assim como análises mais pormenorizadas dos materiais da intervenção arqueológica da área de expansão da Biblioteca de Mértola, correspondentes a etapas posteriores, contribuirão para um incremento significativo do conhecimento da ocupação sidérica de Mértola. Além disso, os trabalhos de prospecção arqueológica desenvolvidos a Norte e a Sul do Concelho viram-se dificultados pela falta de acesso aos lugares da margem esquerda entre Mértola e o Pulo do Lobo (Albuquerque *et alii*, 2019).

Por outro lado, os dados obtidos até ao momento em Água Alta constituem um ponto de partida para questionar a relação que o sítio mantém com Mértola entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, bem como com a própria navegabilidade do Guadiana. A realização de sondagens arqueológicas é, a nosso ver, imprescindível para analisar o



Figura 9. Mértola (vista a partir de Sul)

Figura 9. Mértola (view from the south)

momento da transição, cotejando os dados obtidos com os resultados de sítios semelhantes como parece ser o Castro dos Ratinhos, o que seria uma promissora via de investigação.

Os sítios arqueológicos a montante do Pulo do Lobo apresentam, na sua maioria, materiais que os colocam nas tradições do Bronze Final, ainda que não seja de excluir uma relação de contemporaneidade com as ocupações da foz do Guadiana. Porém, aquele acidente geográfico e a própria paisagem envolvente do rio (*cf. supra*) é razão suficiente para defender que a relação dos territórios interiores do rio com o mundo mediterrâneo pode ter passado pelas vias terrestres, sobretudo na área de Moura, como se disse para o Castro dos Ratinhos. Por outro lado, a via que ligava *Myrtilis* a *Pax Iulia*, à qual se associam sítios como Mata-Filhos (Luís, 2003; Albuquerque e García Fernández, 2017; García Fernández, *et alii*, 2017), pode ter sido utilizada em tempos remotos na comunicação entre as duas áreas, por exemplo, para a aquisição de bens agrícolas que podiam ser mais escassos nas imediações de Mértola.

Nesse sentido, destacam-se as necrópoles recentemente identificadas nos territórios da margem direita do Guadiana, nomeadamente a Herdade das Carretas, Fareleira e o Poço Novo 1, ambas com uma cronologia que parece rondar os finais do século VII a. C., e com materiais arqueológicos que as colocam em relação com a área do Baixo Guadalquivir, assim como com a própria necrópole de Medellín, já no Médio Guadiana (Figueiredo e Mataloto, 2017). O período de grande desenvolvimento destas áreas de enterramento onde predomina a inumação é, contudo, posterior ao século VI a. C., o que nos leva a deixar um comentário mais desenvolvido para outra ocasião.

Em todo o caso, os conjuntos materiais das áreas interiores em sítios como a Azougada, localizada junto à foz do Ardila, parecem apresentar uma relação mais evidente com o Médio Guadiana. O sítio foi identificado em 1942 por Frago de Lima (*vid. supra*) e várias vezes referido na bibliografia sem que se tivesse realizado um trabalho de conjunto dos materiais que indicavam a existência, naquele

lugar, de um edifício de culto. Um rigoroso trabalho de sistematização dos materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa e no Museu de Moura permitiu fixar a fundação desta ocupação em torno de meados do século VI a. C. (Antunes, 2005; 2008; Soares, 2021: 16-18). O conjunto dos dados indica a chegada de cerâmicas identificadas nos repertórios da Andaluzia Ocidental e de Málaga (cerâmicas de engobe vermelho, cerâmica manual, um vaso *a chardon, pitthoi* e um *smiting god*) a esta área (Gomes, 1983), o que, juntamente com o padrão de instalação dos edifícios de culto ao longo do Guadalquivir, foi interpretado como indício da «presença de agentes tartéssicos ao longo do Guadiana, possivelmente motivada pela riqueza cuprífera da região» (Antunes, 2008: 330). Os dados apontam, neste sentido, para uma confluência interessante do registo do interior com os elementos provenientes de áreas costeiras e adaptações das formas destas últimas (*ibid.*).

O panorama da ocupação sidérica do Guadiana permite afirmar que o final do século VI a. C. marca o início de uma nova etapa que se prolongará nos séculos seguintes, em que se assiste à formação de particularidades regionais e a uma diferenciação acentuada entre as duas principais unidades geográficas aqui tratadas (da foz ao Pulo do Lobo e entre este e Alqueva), bem como uma multiplicação de sítios conhecidos. Na etapa que nos propusemos tratar no presente trabalho, parece evidente que se registam transformações significativas no contexto de uma provável reestruturação das estruturas de povoamento e exploração dos recursos. O abandono de alguns povoados na fase final da Idade do Bronze pode, nesse sentido, traduzir-se na fundação de outros, ou mesmo na integração de vários grupos em novos núcleos habitacionais em áreas costeiras, levando à formação de grupos híbridos. Propõe-se também que a integração no mundo mediterrânico podia representar, tanto para os beneficiários como para as vítimas, uma escalada de violência, à semelhança de contextos africanos, em que o comércio atlântico provocou alterações drásticas nas relações intercomunitárias e no povoamento das regiões interiores e costeiras (Albuquerque, 2021, com bibliografia).

5. Considerações finais

O estudo do Guadiana nos primeiros momentos da Idade do Ferro deve considerar os contextos autóctones prévios. O uso de cerâmica manual ou fabricada ao torno não é, na nossa óptica, suficiente como indicador étnico, i.e., para identificar grupos endógenos ou exógenos ou caracterizar processos de interacção. Além disso, como já se pôs em evidência em várias ocasiões, não se definiu ainda uma metodologia suficientemente eficaz para distinguir a «orientalização» das informações indígenas da «ocidentalização» dos elementos das comunidades orientais, sobretudo quando se assume que as influências são recíprocas (Marzoli, 2019: 292; Albuquerque, 2021).

No contexto do Guadiana, o Castro dos Ratinhos é, talvez, um dos casos mais interessantes, uma vez que se assiste à construção de um edifício de culto (num contexto típico do Bronze Final) com arquitectura e sistemas de medidas orientais (Berrocal-Rangel *et alii*, 2012: 174 ss.). A implantação desta estrutura não teve como resultado uma mudança significativa no restante registo material do sítio: os materiais associáveis à Idade do Ferro, como a cerâmica a torno ou mesmo elementos fabricados naquele metal, são escassos. O processo identificado nas escavações do sítio parece revelar, por um lado, que a recepção destas influências nem sempre foi pacífica e, por outro, que esta nem sempre está ligada à aquisição dos mencionados elementos de origem externa.

O caso de Castro Marim é, nesse sentido, diferente, uma vez que a profusão de materiais ditos autóctones (i.e., de tradição do Bronze Final) da primeira fase do sítio contrasta, pelo que se conhece até ao momento, com a da vizinha Ayamonte. Em nenhum dos sítios há provas inequívocas de uma ocupação permanente imediatamente anterior à chegada das populações fenícias, ainda que os dados da margem direita sejam mais significativos. Estes não são, contudo, suficientes para demonstrar que Castro Marim é uma fundação autóctone ou, pelo menos, intensamente ocupada no Bronze Final (*cf.* Arruda e Freitas, 2017: 445-446). Porém, mesmo admitindo que as cerâmicas de fabrico indicariam uma fundação autóctone (o que é visto com muitas e justificadas reservas pelos investigadores deste sítio e por

quem escreve estas linhas), não se deve desconsiderar a imposição de um urbanismo e de um edifício de culto de clara feição oriental num momento coincidente com a regressão da ocupação na margem esquerda. Os dados de Mértola, por outro lado, não são, ainda, suficientemente consistentes para avaliar supostas mudanças ao longo desta etapa.

O Guadiana parece ter permitido o contacto entre as comunidades que habitavam as suas margens, os territórios interiores afastados do seu leito e outras áreas costeiras do mundo Mediterrâneo. A integração deste espaço geográfico nos movimentos comerciais da primeira metade do I milénio a. C. da Península Ibérica foi, certamente, diversificada, testemunhando reacções diferentes a processos que afectaram, directa ou indirectamente, as comunidades autóctones desses primeiros momentos (Antunes *et alii*, 2016). Em todo o caso, o rio parece ter desempenhado um importantíssimo papel como elemento estruturante da ocupação humana entre os séculos VIII e VI a. C., sobretudo nas áreas onde era navegável e onde se encontraram, precisamente, potentes ocupações de vocação portuária (Castro Marim, Ayamonte, Mértola e, provavelmente, Água Alta). O rio não constituiria uma fronteira em sentido estrito, mas um espaço caracterizado pela permeabilidade (Albuquerque *et alii*, 2020: fig. 1), embora o mapa de ocupação dos territórios interiores registe uma maior concentração de povoamento em áreas um pouco mais afastadas do leito do rio, como, por exemplo, na envolvente de Beja. Aqui regista-se uma quantidade bastante significativa de sítios arqueológicos que testemunha um aumento da ocupação destes territórios a partir do século VI a. C. (Antunes *et alii*, 2016; Soares *et alii*, 2017: fig. 1).

Esta reflexão permite, igualmente, afirmar que o conhecimento da ocupação humana ao longo do território analisado, tanto na comparação entre as duas margens como entre a área costeira e o interior é bastante desigual. O panorama actual do conhecimento pode não representar fielmente o povoamento do Guadiana, principalmente no que diz respeito à sua evolução entre o Bronze Final e a Idade do Ferro. Em primeiro lugar, porque nem todos os sítios foram alvo de escavações arqueológicas, o que não permite caracterizar com segurança as respectivas sequências

ocupacionais e, conseqüentemente, as eventuais transformações ao nível da relação das comunidades com as vias fluviais e terrestres, especialmente do interior (tabela 1) (Kunst, 2018: 337). Em segundo lugar, o desenvolvimento de trabalhos de construção de infraestruturas tem vindo a ser determinante para a identificação de novas ocorrências nos territórios adjacentes ao troço português do Guadiana (a montante de Pomarão/Cañaveral), mas a sua ausência é notória nas margens do rio, o que pode ter impedido uma caracterização mais adequada do povoamento. Este aspecto é ainda mais evidente na margem espanhola do Guadiana a jusante de Pomarão/Cañaveral, em que a escassez de trabalhos realizados e/ou publicados pode ser um motivo para a falta de pontos no mapa de distribuição de sítios arqueológicos.

O desenvolvimento de uma análise focada nas margens de um rio tem a particularidade de permitir uma visão que, embora seja necessariamente diferente de uma abordagem mais abrangente, define o rio como factor de atracção ou repulsa. Por exemplo, o crescimento das relações comerciais com a área da Baía de Cádiz, Guadalquivir e Huelva parece ter motivado a fixação de populações em espaços vinculados à navegabilidade do Guadiana, como Castro Marim, Ayamonte e Mértola. O último sítio é, no estado actual dos conhecimentos, o único que foi fortificado durante este período no troço navegável. A montante, as ocupações revelam preocupações de defesa, o que parece indicar uma conflituosidade ainda mal definida devido à mencionada falta de conhecimento das sequências ocupacionais, assim como uma tendência para a ocupação de áreas mais afastadas do rio, onde existiriam mais recursos. É, ainda, de referir o possível colapso ou reorganização do sistema de povoamento nos territórios interiores, que pode ser um reflexo das transformações ocorridas nas áreas costeiras e da procura de matérias-primas de actividades mineiras ou agrícolas (Pérez Macías e Schattner, 2018). Estes territórios voltam a ter uma ocupação mais intensa a partir, sobretudo, no século V a. C., acompanhando as novas dinâmicas que se afirmam também no Médio Guadiana (entre outros, Celestino e Rodríguez González, eds., 2017; Jiménez Ávila, 2017; Rodríguez González, 2018). Este período será tratado noutra ocasião.

Por outro lado, deve assinalar-se a distribuição do povoamento sidérico na envolvente do Guadiana, especialmente a montante do Pulo do Lobo. De acordo com trabalhos recentes, parece evidente que as maiores concentrações de ocupação ocorrem em lugares afastados das margens do rio e associados a alguns dos seus afluentes (Soares *et alii*, 2017: fig. 1), uma tendência que não parece mudar muito na segunda metade do I milénio a. C.

No que diz respeito ao estudo da construção de identidades e do impacto das novas conjunturas no território analisado, a análise da alimentação constitui uma via de investigação futura de enorme relevância, não só para o conhecimento de cada um dos sítios, mas também para uma análise à escala regional dos hábitos de consumo e eventuais transformações (entre outros, Gómez Bellard *et alii*, eds., 2020). Porém, foram poucos os estudos desta natureza realizados em sítios do Guadiana (Arruda 2020, com bibliografia anterior; Liesau e García García, 2010; Valenzuela Lamas, 2020).

Gostaríamos de ressaltar, para terminar esta reflexão, um aspecto que participou discretamente na discussão, mas que, a nosso ver, adquire alguma transcendência para o futuro da investigação da Idade do Ferro em territórios hoje separados por linhas de fronteira. Parafraseando Sebastian Conrad e adaptando-o ao nosso propósito, podemos concluir que «o fim da viagem intelectual coincidia com as fronteiras do Estado-nação [...]» (Conrad, 2019: 20). Isto é, contudo, um efeito que as demarcações territoriais, ainda hoje, exercem sobre a actividade científica e não tanto uma consequência da vontade dos investigadores (Albuquerque e García Fernández, 2019). Este estudo constitui, nesse sentido, uma visão sobre o Guadiana sidérico como espinha dorsal de redes de povoamento, de contactos, de cumplicidades, de intercâmbios e de entrelaçamentos e não como o limite de uma periferia para lá da qual existe unicamente um não-lugar sem cabimento nos discursos sobre as histórias regionais ou nacionais.

Bibliografia

- AAVV (1995): TIR J-29: *Tabula Imperii Romani, J-29, Lisboa. Emerita – Scallabis – Pax Iulia – Gades*. Madrid.
- Albergaria, J. e Melro, S. (2013): *Ocupação Proto-histórica da margem esquerda do Guadiana*. Memórias d’Odiana. 2ª série, 7. Évora.
- Albuquerque, P. (2014): *Tartessos: a construção de identidades através do registo escrito e da documentação arqueológica. Um estudo comparativo*. Tese de doutorado. Universidade de Lisboa. Lisboa. <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/11434>>.
- Albuquerque, P. (2021): “A Comparative Insight into Encounters, Territorialities, Identities, and Violence: Phoenicians in Southwestern Iberia and Portuguese in Africa”. *Journal of Comparative Studies*, 14 (43): 80-116.
- Albuquerque, P. e García Fernández, F.J. (2017): “Arqueólogos (s)em fronteiras: o Projecto ANA-lise e o estudo do povoamento do Baixo Guadiana (Portugal e Espanha) entre os séculos VIII a.C. e I d.C.” *Revista Memória em rede*, 11 (20): 131-157.
- Albuquerque, P. e García Fernández, F.J. (2017): “Mértola entre el Bronce Final y el inicio de la presencia romana problemas y perspectivas de investigación”. *Habis*, 48: 7-30.
- Albuquerque, P. e Herrera Delgado, J.R. (2021): “El topónimo *Myrtilis* y los orígenes de Mértola (siglos XVI-XXI): notas para una revisión historiográfica”. Em E. Ferrer Albelda *et alii* (coords.): *Arqueología y Numismática. Estudios en Homenaje a Francisca Chaves Tristán*. Sevilla: 859-868.
- Albuquerque, P., García Fernández, F.J. e Palma, M.F. (2019): “Prospecciones arqueológicas em 2016 e 2017 no Baixo Guadiana: novos sítios identificados no Concelho de Mértola”. *Arqueologia Medieval*, 15: 25-52.
- Albuquerque, P., García Fernández, F.J., Palma, M.F. e Gradim, A. (2020): “¿Frontera acuática o frontera líquida? El Bajo Guadiana en la Antigüedad”. Em C. Gaspar, H. Gimeno Pascual e N. Vicent Ramírez (eds.): *Ambientes Epigráficos y territorio: el Guadiana entre Bética y Lusitania*. Alcalá de Henares-Lisboa: 63-98.

- Albuquerque, P. e Mateos Orozco, A. (2022): “*Myrtilis* durante o I Milénio a.C.: uma leitura historiográfica”. *Archivo Español de Arqueología*, 95 (1): 1-101.
- Almeida, J. (1945): *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. Vol. I. Lisboa.
- Almeida, J. (1947): *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. Vol. 3. Lisboa.
- Alves, L.F.D. (1956): “Aspectos da Arqueologia de *Myrtilis*”. *Arquivo de Beja*, 13: 21-104.
- Antunes, A.S. (2005): “Um Conjunto Cerâmico da Azougada”. *Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo-Guadiana*. Suplemento de O Arqueólogo Português, 5. Lisboa.
- Antunes, A.S. (2008): “Castro” da Azougada: percursos do Pós-Orientalizante no Baixo Guadiana”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III: El río Guadiana y Tartessos*. Mérida: 327-352.
- Antunes, A.S., Deus, M., Soares, A.M., Santos, F., Arêz, L., DeWulf, J., Baptista, K. e Oliveira, L. (2012): “Povoados abertos do Bronze Final no Médio Guadiana”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II: El río Guadiana en el Bronce Final*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 62. Badajoz: 277-308.
- Antunes, A.S., Soares, A.M., Deus, M. e Soares, R. (2016): “Povoamento ‘orientalizante’ na margem esquerda do Guadiana: uma leitura a partir do Passo Alto e do Castelo de Serpa”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III: El río Guadiana y Tartessos*. Mérida: 131-157.
- Arruda, A.M. (1999-2000): *Los fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6. Barcelona.
- Arruda, A.M. (2003): “A Idade do Ferro no Castelo de Castro Marim através das importações cerâmicas”. *Xelb*, 4: 69-88.
- Arruda, A.M. (2005): “Ânforas R1 em Portugal”. Em Giammellaro, A.S. (ed.): *Atti del V Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*, Vol. 3. Palermo: 1311-1329.
- Arruda, A.M. (2008a): “Estranhos numa terra (quase) estranha: os contactos pré-coloniais no sul do território actualmente português”. Em S. Celestino Pérez, N. Rafael i Fontanás e X.L. Armada Pita (coords.): *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico: (siglos XII-VII a.n.e.): La precolonización a debate*. Madrid: 355-370.
- Arruda, A.M. (2008b): “O Baixo Guadiana durante os séculos VI e V a.n.e.”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I: El río Guadiana en época post-Orientalizante*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 46. Badajoz: 307-325.
- Arruda, A.M. (2020): “Na cozinha e à mesa na 2ª Idade do Ferro do Sul de Portugal”. Em C. Gómez Bellard, G. Pérez-Jordá e A. Vendrell Betí (coords.): *La alimentación en el ámbito fenicio-púnico*. Spal Monografías Arqueología, 32. Sevilla: 161-179.
- Arruda, A.M. e Freitas, V.T. (2008): “O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e.”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I: El río Guadiana en época post-Orientalizante*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 46. Badajoz: 429-446.
- Arruda, A.M., Freitas, V.T. e Oliveira, C.F.P. (2007): “Os fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim”. Em J.L. López Castro (ed.): *Las ciudades feniciopúnicas en el Mediterráneo Occidental. III Coloquio Internacional Centro de Estudios Fenicios y Púnicos*. Almería: 459-482.
- Arruda, A.M., Freitas, V.T. e Oliveira, C.F.P. (2017): “Castro Marim entre indígenas, fenícios e tartéssios”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III: El río Guadiana y Tartessos*. Mérida: 443-466.
- Arruda, A.M., Freitas, V.T., Oliveira, C.F.P., Sousa, E., Lourenço, P. e Carretero, P. (2009): “Castro Marim: um santuário pré-romano na foz do Guadiana”. Em P. Mateos, S. Celestino e T. Tortosa (eds.): *Santuarios, Oppida y Ciudades: Arquitectura Sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 45. Mérida: 79-88.
- Barros, M.F.R. (1999): “A cheia diluvial do rio Guadiana de 1876 e os trabalhos arqueológicos de Estácio da Veiga em Mértola”. *Museu de Mértola: a necrópole e a ermida da Achada de S. Sebastião*. Mértola: 27-62.
- Barros, P. (2008): “Mértola durante os séculos VI e V a. C.”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-Orientalizante*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 46. Badajoz: 399-414.

- Barros, P. (2010): “Mértola entre os séculos VI e III a. C.”. *Mainake*, 31 (1): 417-436.
- Barros, P. (2012): “O Bronze Final na região de Mértola”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II: El río Guadiana en el Bronce Final*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 62. Badajoz: 215-227.
- Barros, P. (2013): “Mértola – Plataforma comercial durante a Idade do Ferro: a colecção de Estácio da Veiga”. Em A.M. Arruda (ed.): *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Vol. II. Estudos & Memórias, 6. Lisboa: 688-697.
- Bartoloni, P. (2019): Necropoli fenicie a confronto. Le necropoli di Ayamonte e di San Giorgio. *SCEBA*, 17. Pisa-Roma: 31-38.
- Berrocal-Rangel, L. e Silva, A. C. (2010): *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura): escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Suplemento de O Arqueólogo Português, 6. Lisboa.
- Berrocal-Rangel, L., Silva, A.C. e Prados Martínez, F. (2012): “El Castro dos Ratinhos, un ejemplo de orientalización entre las jefaturas del Bronce Final del Suroeste”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II: El río Guadiana en el Bronce Final*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 62. Mérida: 167-183.
- Cabaco Encinas, B. e García Teyssandier, E. (2018a): “La necrópolis fenicia en Ayamonte (siglos VIII-III a. C.). 10 años de su descubrimiento”. *XXII Jornadas de Historia de Ayamonte*. Ayamonte: 219-248.
- Cabaco Encinas, B. e García Teyssandier, E. (2018b): “El origen fenicio en la ciudad de Ayamonte (siglos VIII-VII a. C.)”. *XXII Jornadas de Historia de Ayamonte*. Ayamonte: 249-279.
- Cardoso, J.L. e Gradim, A. (2004): “Estácio da Veiga e o reconhecimento arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim”. *O Arqueólogo Português* s. IV, 22: 67-112.
- Cardoso, J.L. e Gradim, A. (2011): *Dez Anos de Arqueologia em Alcoutim: do Neolítico ao Romano*. Alcoutim.
- Catarino, H. (1997): *O Algarve oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados*. Tese de doutorado. Universidad de Coimbra. Coimbra.
- Celestino Pérez, S. e Rodríguez González, E. (eds.) (2017): *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Mérida.
- Conrad, S. (2019): *O que é a História Global?* Lisboa.
- Escacena, J.L. (2018): “Huelva-Aljaraque y el patrón poblacional fenicio de la costa tartésica”. Em P. Campos (ed.): *Arqueología y territorio en la provincia de Huelva: veinte años de las Jornadas de Aljaraque (1998-2017)*. Huelva: 137-177.
- Costa, P.J.M., Lario, J. e Reicherter, K. (2022): “Tsunami Deposits in Atlantic Iberia: A Succinct Review”. Em M. Álvarez Martí-Aguilar e F. Machuca Prieto (eds.): *Historical Earthquakes, Tsunamis and Archaeology in the Iberian Peninsula, Natural Science in Archaeology*. Singapore: 105-126.
- Fabião, C. (2019): “Estácio da Veiga e a Carta Arqueológica do Algarve”. Em J. Beltrán Fortes, C. Fabião e B. Mora Serrano (eds.): *La Historia de la Arqueología Hispano-portuguesa a debate*. Spal Monografías Arqueología, 30. Sevilla: 79-103.
- Faria, A.M. (1994): “Uma inscrição em caracteres do Sudoeste achada em Mértola”. *Vipasca*, 3: 61-63.
- Feio, M. (1945): “Os terraços do Guadiana a Jusante de Ardila”. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 27: 3-83.
- Feio, M. e Patrício, A. (1946): “Notícia acerca do Quaternário no Vale do Guadiana”. *Publicações da Sociedade Geológica de Portugal*, 8 (1-2): 79-100.
- Figueiredo, M. e Mataloto, R. (2016): “Necrópoles rurais do Baixo Alentejo Setentrional: Sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III: El río Guadiana y Tartessos*. Mérida: 353-398.
- Freitas, V.T. e Oliveira, C.F.P. (2007): “A Idade do Ferro no Baixo Guadiana”. Em J. Morón, D. Urbina e N.F. Bicho (eds.): *As Idades do Bronze e do Ferro na Península Ibérica. IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: 409-418.
- García Fernández, F.J., Albuquerque, P. e Palma, M.F. (2017): “Mértola na Idade do Ferro: Primeiros resultados de dois projectos de investigação”. Em J.M. Arnaud, A. Martins e C. Neves (eds.): *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da questão*. Lisboa: 161-170.

- García Fernández, F.J., García Vargas, E., Sáez Romero, A., Palma, M.F. e Albuquerque, P. (2019): “Mértola entre la Edad del Hierro y la romanización: nuevos datos a partir de las excavaciones de la Biblioteca Municipal”. *Arqueología Medieval*, 15: 5-23.
- Gomes, F.B. (2012): *Aspectos do Sagrado na colonização fenícia*. Cadernos da Uniarq 7. Uniarq. Lisboa.
- Gomes, F.B. (2018): “Revisiting an Early Iron Age funerary horizon: ‘Cruz del Negro’ type urn burials in southern Portugal and their significance”. *Madriditer Mitteilungen*, 59: 182-207.
- Gomes, F.B. e Arruda, A.M. (2013): “A cerâmica pintada da II Idade do Ferro do Castelo de Castro Marim”. *Onoba*, 1: 19-54.
- Gomes, M.V. (1983): “El ‘Smiting god’ de Azougada (Moura)”. *Trabajos de Prehistoria*, 40 (1): 199-220.
- Gómez Bellard, C., Pérez Jordà, G. e Vendrell Betí, A. (eds.): *La alimentación en el mundo fenicio-púnico: producciones, procesos y consumos*. Spal Monografías Arqueología, 32. Sevilla.
- Gómez Toscano, F., Campos, J., López Domínguez, M.A. e González Batanero, D. (2001): “Prospección arqueológica superficial de un tramo de la calzada AB *Ostio Fluminis Anae... Emeritan Usque* en Sanlúcar de Guadiana (Huelva)”. *Anuario Arqueológico de Andalucía* 1998, II. Sevilla: 146-152.
- Gómez Toscano, F., Castiñeira, J., Campos, J., Borja, F. e García, J.M. (1993): “Prospección arqueológica superficial. Interfluvio Guadiana-Piedras”. *Anuario Arqueológico de Andalucía* 1991, II. Sevilla: 239-246.
- Gómez Toscano, F., Castiñeira, J., Campos, J., Borja, F. e García, J.M. (1994): “Prospección arqueológica superficial. Interfluvio Guadiana-Piedras”. *Anuario Arqueológico de Andalucía* 1992, II. Sevilla: 225-230.
- Gómez-Martínez, S. e Lopes, V. (2006): “Trabalhos arqueológicos de Estácio da Veiga em Mértola”. *Xelb*, 7: 269 - 282.
- Gonçalves, V.S., Arruda, A.M. e Calado, M. (1996): “Novos contributos para a Arqueologia do Algarve Oriental”. *Ophiussa*, 0: 161-180.
- Gonçalves, V.S., Arruda, A.M. e Catarino, H. (1983-1984): “Três intervenções sobre Arqueologia no Algarve”. *Clio/Arqueologia*, 1: 191-196.
- Guerra, A. (2017): “Epigrafia e imagens nas esteiras epigrafadas do Sudoeste”. *Palaeohispanica*, 17: 95-113.
- Hernández Pacheco, E. (1928): “Fisiografía del Guadiana”. *Revista del Centro de Estudios Extremeños*, 2(3): 511-521.
- Hourcade, D., Lopes, V. e Labarthe, J.M. (2003): “Mértola: La muraille de l’âge du Fer”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (1): 75- 210.
- Hübner, E. (1871): *Noticias arqueológicas de Portugal*. Lisboa.
- Jiménez Ávila, J. (ed.) (2008): *Sidereum Ana I: El río Guadiana en el post-Orientalizante*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 46. Badajoz.
- Jiménez Ávila, J. (ed.) (2012): *Sidereum Ana II: El río Guadiana en el Bronce Final*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 62. Badajoz.
- Jiménez Ávila, J. (ed.) (2017): *Sidereum Ana III: El río Guadiana y Tartessos*. Mérida.
- Jiménez Ávila, J. (2017): “Ancha es Tartessos: el Periodo Orientalizante (siglos VIII-VI a. C.) en el tramo extremeño del Guadiana”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III: El río Guadiana y Tartessos*. Mérida: 69-106.
- Klein, T. (2018): *Geoarchaeological Case Studies at the Lower Guadiana Estuary: Paleogeographic Development and Human-Environment Interactions at the Phoenician Site of Ayamonte (SW-Andalusia/Spain)*. Tese de doutorado. Universidade de Berlim. Berlim.
<https://refubium.fu-berlin.de/bitstream/handle/fub188/23488/Dissertation_Klein.pdf?sequence=4&isAllowed=y>.
- Klein, T. (2019): “Estudios geoarqueológicos en Ayamonte y su entorno”. Em D. Marzoli y E. García Teyssandier (eds.): *La necrópolis fenicia de Ayamonte (Huelva): Memoria de la excavación del año 2013, estudios previos y complementarios*. Sevilla: 19-28.
- Klein, T., Bebermeier, W., Krause, J., Marzoli, D. e Schütt, B. (2016): “Sedimentological evidence of an assumed ancient anchorage in the hinterland of a Phoenician settlement (Guadiana estuary/SW-Spain)”. *Quaternary International*, 407: 110-125.

- Kunst, M. (2018): “Zur Besiedlungsgeschichte des Guadiana-Mündungsgebiets. Ergebnisse der Küstenforschung des DAI (Kampagne 1988)”. Em D. Marzoli e E. García Teyssandier (eds.): *Die phönizische Nekropole von Ayamonte*. Madrider Beiträge, 37. Wiesbaden: 336-367.
- Liesau, C. e García García, J. (2010): “Castro dos Ratinhos-Paleoambiente, cronologia absoluta e outros estudos específicos”. Em L. Berrocal-Rangel e A.C. Silva: *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura): escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Suplemento de O Arqueólogo Português, 6. Lisboa: 329-348.
- Lima, J.F. (1942): *Arqueologia da Margem esquerda do Guadiana*. Dissertação de licenciatura inédita. Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Lima, J.F. de (1960): “Castro de Ratinhos (Moura, Baixo-Alentejo)”. *Zephyrus*, 11: 233-237.
- Lopes, M.C., Carvalho, P.C. e Gomes, F.M. (1997): *Arqueologia no Concelho de Serpa*. Serpa.
- Lopes, V., Palma, M.F., Gómez-Martínez, S., Torres, C., Feio, J. e Bento, C. (2010): “Intervenções arqueológicas de emergência no Eixo Comercial de Mértola. Alguns dados preliminares”. Em J.A. Pérez Macías e E. Romero Bomba (eds.): *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 1174-1197.
- Luís, L. (2001): *As cerâmicas campanienses de Mértola*. Trabalhos de Arqueologia, 27. Lisboa.
- Luís, L. (2003): “Ânforas republicanas de Mata-Filhos (Mértola)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (2): 363-382.
- Martín de la Cruz, J.C. e Serrano Herrero, E. (1989): “Informe sobre el proyecto: prospección de urgencia de accesos e infraestructura al Puente Internacional del Guadiana”. *Anuario Arqueológico de Andalucía* 1989. Sevilla: 240-241.
- Marzoli, D. (2019): “Consideraciones generales”. Em D. Marzoli e E. García Teyssandier (eds.): *La necrópolis fenicia de Ayamonte (Huelva): Memoria de la excavación del año 2013, estudios previos y complementarios*. Sevilla: 263-302.
- Marzoli, D. e García Teyssandier, E., eds. (2018): *Die phönizische Nekropole von Ayamonte*. Madrider Beiträge, 37. Wiesbaden.
- Marzoli, D. e García Teyssandier, E. (eds.) (2019): *La necrópolis fenicia de Ayamonte (Huelva): Memoria de la excavación del año 2013, estudios previos y complementarios*. Sevilla.
- Marzoli, D., García Teyssandier, E. e Cabaco Encinas, B. (2019): “El descubrimiento de huellas fenicias en Ayamonte”. Em D. Marzoli e E. García Teyssandier (eds.): *La necrópolis fenicia de Ayamonte (Huelva): Memoria de la excavación del año 2013, estudios previos y complementarios*. Sevilla: 12-17.
- Mederos, A. (2021): “El santuario fenicio de la calle Méndez Núñez-Plaza de las monjas (Huelva, España) y el inicio de los asentamientos fenicios en la península ibérica”. *Sagvntvm*, 53: 35-57.
- Ménanteau, L., Chadenas, C. e Choblet, C. (2006): “Les marais du Bas-Guadiana (Algarve, Andalousie): emprise, déprise et reprise humaines”. *Aestuaria*, 9: 309-331.
- Miguel, L., Albuquerque, P., Evangelista, L.S. e Lourenço, M. (2019): “Trabalhos arqueológicos na necrópole sidérica de Mértola: resultados preliminares das sondagens arqueológicas”. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 13: 41-46.
- Moita, I. (1965): “A carta arqueológica da margem esquerda do Guadiana e o Museu de Serpa (projecto)”. *Lycerna* 4: 140-157.
- Oliveira, C.F.P. (2012): “O Castelo de Castro Marim durante a etapa final da Idade do Bronze”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II: El Guadiana en el Bronce Final*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 62. Badajoz: 345-362.
- Oliveira, C.F.P. de (2008): “Produção e consumo de cerâmica manual no Castelo de Castro Marim durante os séculos v e v a.n.e.”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El Rio Guadiana en época post-Orientalizante*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, 46. Badajoz: 447-467.
- Oliveira, E.P. de (1985): *Bibliografia arqueológica portuguesa 1970-1979*. Lisboa.
- Palma, M.F. (2016): “Arqueologia urbana na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola”. *Arqueologia Medieval*, 13: 5-16.
- Palma, M.F., coord. (2012): *Carta Arqueológica do Concelho de Mértola*. Mértola.

- Pérez Macías, J.A., Cabaco Encinas, B. e García Teyssandier, E. (2017): “Primer avance sobre el asentamiento fenicio de Ayamonte”. Em J. Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana III: El río Guadiana y Tartessos*. Mérida: 467-492.
- Pérez Macías, J.A. e Schattner, T. (2018): “Wertkette, Metallgewinnung und Infrastruktur in den südwesthispanischen Minendistrikten von Tharsis und Riotinto”. Em D. Marzoli y E. García Teyssandier (eds.): *Die phönizische Nekropole von Ayamonte*. Madrider Beiträge, 37. Wiesbaden: 315-335.
- Prados Martínez, F. (2010): “La arquitectura sagrada: un santuario del siglo IX a. C.”. Em L. Berrocal-Rangel e A. Carlos Silva: *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura): escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Suplemento de O Arqueólogo Português, 6. Lisboa: 259-276.
- Ramon Torres, J. (1995): *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Col·lecció Instrumenta 2. Barcelona.
- Rodríguez González, E. (2018): *El poblamiento del valle medio del Guadiana durante la I Edad del Hierro*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, 34. Madrid.
- Schubart, H., Arteaga, O., Hoffmann, G. e Kunst, M. (1988): “Investigación geológico-arqueológica sobre la antigua línea de costa en Andalucía. Campaña 1988”. *Anuario Arqueológico de Andalucía* 1988, II. Sevilla: 185-189.
- Silva, a. C. (1998): *Salvamento Arqueológico no Guadiana*. Memórias d’Odiana 1. Beja.
- Soares, A.M. (2005): “Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (1): III – 145.
- Soares, A.M. (2013): “O sistema de povoamento do Bronze Final no Baixo Alentejo – Bacia do Guadiana”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20: 273-302.
- Soares, A.M. e Martins, J.M. (2010): “A cronologia absoluta para o Castro dos Ratinhos: Datas de radiocarbono”. Em L. Berrocal-Rangel y A. Carlos Silva: *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura): escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Suplemento de O Arqueólogo Português, 6. Lisboa: 409-414.
- Soares, R.M. (2021): “Balanço de 8 anos de investigação sobre a Idade do Ferro no Concelho de Moura”. *Lacant - Revista de História, Arqueologia e Património*, 1: 6-38.
- Soares, R.M., Baptista, L., Pinheiro, R., Oliveira, L., Rodrigues, Z. e Vale, N. (2017): “A necrópole da I Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (São Brissos, Beja)”. Em J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III: El río Guadiana y Tartessos*. Mérida: 263-301.
- Valenzuela Lamas, S. (2020): “Colonos, mestizaje y ritmos de cambio en la dieta cárnica en las colonias fenicias de Occidente”. Em C. Gómez Bellard, G. Pérez-Jordá e A. Vendrell Betí (eds.): *La alimentación en el ámbito fenicio-púnico*. Spal Monografías Arqueología, 32. Sevilla: 129-142.
- Vasconcelos, J.L. (1920): “Estudos sobre a época do ferro em Portugal”. *O Arqueólogo Português*, 24: 99-107.
- Sánchez-Moreno, V.-M.S., San José, L.G. e Juzgado Navarro, M. (2020): “El santuario fenicio de la Rebanadilla”. Em J.L. López Castro (ed.): *Entre Útica y Gadir: Navegación y colonización fenicia en el Mediterráneo Occidental a comienzos del I Milenio AC*. Granada: 189-200.
- Veiga, S.Ph.E. da (1880): *Memória das antiguidades de Mertola: observadas em 1877*. Lisboa.
- Viana, A. (1945): “O futuro Museu arqueológico de Myrtilis”. *Arquivo de Beja*, 2: 88-93.
- Viana, A. (1959): “Notas de Corografia arqueológica”. *Brotéria* 69 (4): 321-330.
- Wachmann, S., Dunn, R.K., Hale, J.R., Hohlfelder, R.L., Ernenwein, E.G., Conyers, L.B., Sheets, P., Blot, M.L.P., Castro, F. e Davis, D. (2009): “The Palaeo-Environmental Contexts of Three Possible Phoenician Anchorages in Portugal”. *International Journal of Nautical Archaeology*, 38 (2): 1-33.